

Descobrendo a filosofia

Observe essas três telas, produzidas por artistas conhecidos por sua qualidade artística e pela ousadia de suas interpretações da realidade: Amedeo Modigliani, Pablo Picasso e Salvador Dalí. As figuras das mulheres destoam, e muito, do que seria o fiel retrato de um rosto feminino.

Por que esses artistas pintam assim, já que saberiam desenhar o modelo tal como ele é?

Vamos fazer um paralelo entre o trabalho do artista e o do filósofo. Para tanto, contamos com a ajuda de dois filósofos franceses, Gilles Deleuze e Félix Guattari, cujo texto aqui resumimos: quando refletimos, procuramos ordenar nosso pensamento para nos proteger do caos, das ideias fugidias. No entanto, a arte, a ciência e a filosofia exigem mais do que isso, pois elas não buscam certezas definitivas. Baseando-se em um texto do escritor David-Herbert Lawrence, "O caos e a poesia", Deleuze e Guattari afirmam:

“ os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda. [...] Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão. [...] Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver. ”

O que é filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 261-262.

Mulher chorando.
Pablo Picasso, 1937.





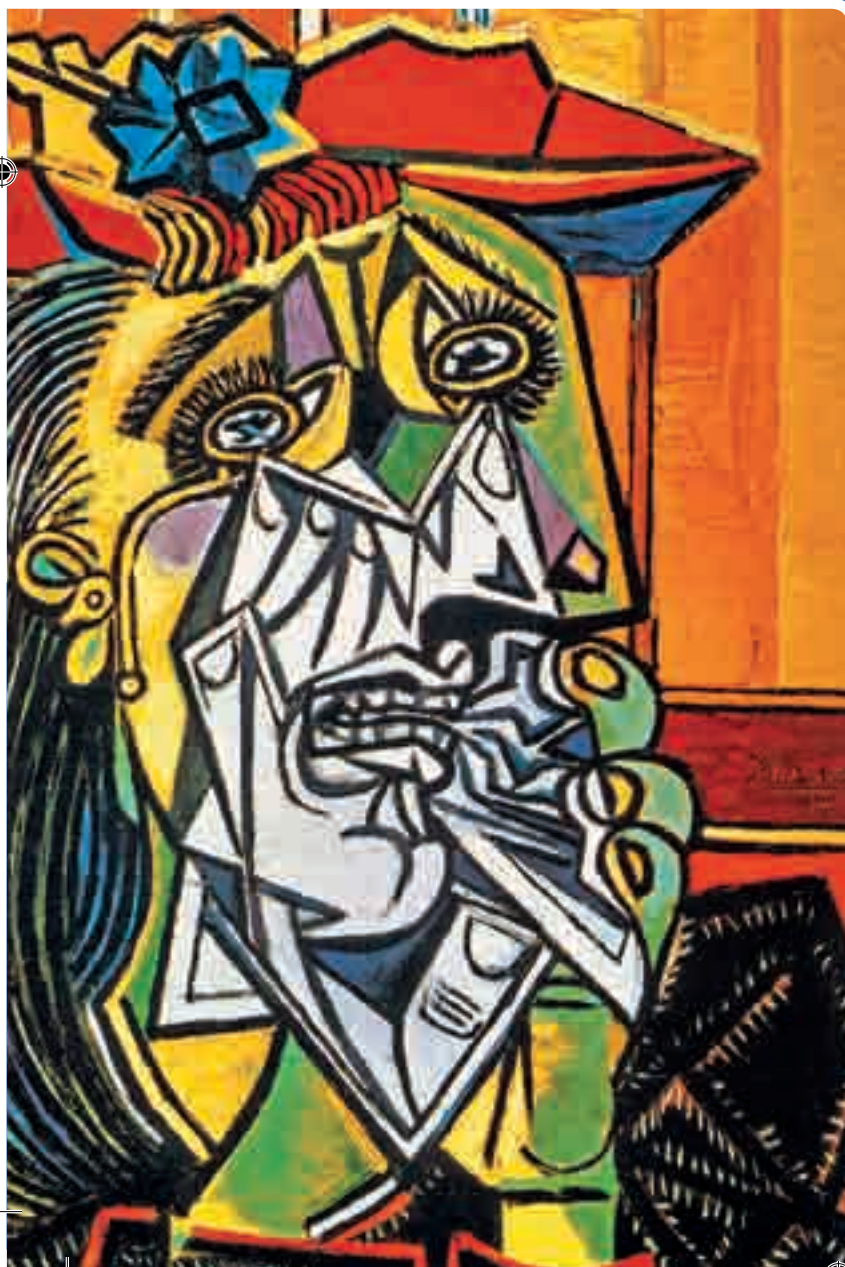
SALVADOR DALÍ - "GALATEA DAS ESFERAS", 1952. LICENCIADO POR AUTVÍS, BRASIL, 2009 - FUNDAÇÃO GALA - SALVADOR DALÍ, FIGUERES, ESPANHA

Galatea das esferas.
Salvador Dalí, 1952.



ALINAR/OTHER IMAGES - GALERIA TATE, LONDRES

Madame Zborowska.
Amedeo Modigliani, 1918.



SUCCESSION PABLO PICASSO - "AS TRÊS MULHERES: MULHER CHORANDO", 1937. LICENCIADO POR AUTVÍS, BRASIL, 2009 - GALERIA TATE, LONDRES

O que o texto nos diz? Diz que esses artistas romperam com as convenções da arte acadêmica, que buscava a reprodução fiel da realidade: "abriram uma fenda no guarda-sol", o que introduz o "caos" no nosso olhar cotidiano, acostumado a um certo modo de ver. O artista subverte nossa acomodada sensibilidade e nos convida a apreciar o novo. Até quando? Até o momento de abrir novamente outras fendas e reintroduzir o caos...

Agora, reescreva com suas palavras o que os filósofos Deleuze e Guattari afirmam sobre a função do artista e do filósofo de abrirem "fendas no guarda-sol das opiniões prontas". Em que sentido eles "instauram o caos"? Que tipo de caos?

A experiência filosófica



DENNIS DARZACQ/AFP PHOTO — AGENCIA VUJ, FRANÇA

A queda. Denis Darzacq, 2006.

O que você vê? Um homem caindo?

Nem sempre o real é o que nos parece ser...

Olhe de novo: uma certa estranheza no "modo de cair" põe em dúvida nossa constatação inicial. Intrigados, nos perguntamos sobre o significado desse movimento: O que é isso? O que vejo de fato?

Essa fotografia faz parte de uma sequência de imagens de dançarinos-malabaristas de rua de Paris. Nela o fotógrafo conseguiu flagrar o momento exato em que um dançarino está no meio de uma pirueta. Essas fotos constituem a série *Queda*, que lhe rendeu o prêmio da World Photo 2007. Darzacq imprimiu às imagens de aparente queda livre sua percepção das mobilizações de jovens, a maioria estudantes, que em 2006 agitaram a França em protesto contra as dificuldades de emprego para as novas gerações do país.

Aproveitando a sensação de espanto que essa foto nos provoca, podemos fazer uma analogia com a filosofia. É ela que propicia um olhar de estranheza diante de tudo que nos parece óbvio: a experiência filosófica pressupõe constante disponibilidade para se surpreender e indagar.

1 Como é o pensar do filósofo?

Leia o relato do filósofo francês André Comte-Sponville:

[...] A cena se desenrola no início do século XX, num lugarejo da França rural. Um jovem professor de filosofia passeia com um amigo e encontra um camponês, que seu amigo conhece, lhe apresenta e com o qual nosso filósofo troca algumas palavras.

- O que o senhor faz? — indaga o camponês.
- Sou professor de filosofia.
- Isso é profissão?
- Por que não? Acha estranho?
- Um pouco!
- Por quê?
- Um filósofo é uma pessoa que não liga para nada...
- Não sabia que se aprendia isso na escola.

Na continuidade do texto, Sponville assim comenta o diálogo:

O que é um filósofo? É alguém que pratica a filosofia, em outras palavras, que se serve da razão para tentar pensar o mundo e sua própria vida, a fim de se aproximar da sabedoria ou da felicidade. E isso se aprende na escola? Tem de ser aprendido, já que ninguém nasce filósofo e já que a filosofia é, antes de mais nada, um trabalho. Tanto melhor, se ele começar na escola. O importante é começar, e não parar mais. Nunca é cedo demais nem tarde demais para filosofar, dizia Epicuro [...]. Digamos que só é tarde demais quando já não é possível *pensar* de modo algum. Pode acontecer. Mais um motivo para filosofar sem mais tardar.¹



Heráclito e Demócrito, afresco de Donato Bramante, c. 1500. O artista representa uma velha história sobre os pré-socráticos Heráclito e Demócrito (séc. V a.C.), segundo a qual o primeiro era o “filósofo que chora” e o outro o “filósofo que ri”. Em que medida um filósofo pode lamentar ou ironizar o comportamento das pessoas?

O texto de Sponville termina com uma constatação: a de que só não filosofam aqueles para quem “já não é possível *pensar* de modo algum”. Nesse ponto, cabe a pergunta: afinal, só pensa e reflete quem filosofa? É claro que não, já que você pensa quando resolve uma equação matemática, reflete criticamente ao estudar história geral, pensa antes de decidir sobre o que fazer no fim de semana, pensa quando escreve um poema.

Então, que tipo de “pensar” é esse, do filósofo? Não é melhor nem superior a todos os outros, mas sim *diferente*, porque se propõe a “pensar nossos pensamentos e ações”. Dessa atitude resulta o que chamamos *experiência filosófica*. Ao criar ou explicitar conceitos, os filósofos delimitam os problemas que os intrigam e buscam o *sentido desses pensamentos e ações*, para não aceitarem certezas e soluções fáceis demais.

Se olharmos com atenção esta tira do cartunista argentino Quino, constatamos que Mafalda faz uma interrogação filosófica sobre o sentido da existência, mas seu amigo Felipe quer se livrar o mais rapidamente dessa questão, ou seja, recusa-se a essa forma de pensar.



Tirinha da Mafalda, personagem criada pelo argentino Quino. *Mafalda* 3, 1968. Em: LAVADO, Joaquim Salvador (Quino). *Toda Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 79.

¹ COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 251-252.



Tirinha da Mafalda, personagem criada pelo argentino Quino. *Mafalda* 3, 1968. Em: LAVADO, Joaquim Salvador (Quino). *Toda Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 79.

Os que acompanham o trabalho de Quino sabem que Manolito tem uma mentalidade pragmática. Por isso, nesta outra tira, promete dar uma resposta no dia seguinte, sem perceber que essa pergunta fundamental não depende de procurar uma informação qualquer. Trata-se de um problema filosófico permanentemente aberto à discussão e para o qual não existe resposta unânime.

2 A filosofia de vida

Talvez você tenha percebido que existe outra ideia permeando a explicação dada por Sponville no início do capítulo: a de que é possível a qualquer pessoa propor questões filosóficas. De fato, na medida em que somos seres racionais e sensíveis, sempre damos sentido às coisas. A esse “filosofar” espontâneo de todos nós, chamamos de *filosofia de vida*. A propósito desse assunto, o filósofo italiano Antonio Gramsci diz:

não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque o pensar é próprio do homem como tal.²

Então as questões filosóficas fazem parte do nosso cotidiano? Fazem sim. Quando alguém decide votar em um candidato por ser de determinado partido político; quando troca o emprego por outro não tão bem remunerado, mas que é mais de seu agrado; quando alterna a jornada de trabalho com a prática de esporte ou com a decisão de ficar em casa assistindo à tevê; quando investe na educação dos filhos, e assim por diante. É preciso reconhecer que existem critérios bem diferentes fundamentando tais decisões, pois há valores que entram em jogo nessas escolhas, e a indagação sobre os valores é uma tarefa filosófica.

² GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 45.

Quantas vezes você já se perguntou sobre o que é o amor, a amizade, a fidelidade, a solidão, a morte? Certamente, não só pensou sobre esses assuntos, como eventualmente discutiu a respeito com seus amigos, observando que às vezes os pontos de vista não coincidem. Essas divergências também ocorrem entre os filósofos.

Com isso, não identificamos a filosofia de vida com a reflexão do filósofo propriamente dita, mas notamos que as indagações filosóficas permeiam a vida de todos nós. Os filósofos especialistas conhecem a história da filosofia e levantam problemas que tentam equacionar não pelo simples bom-senso, mas por meio de *conceitos e argumentos* rigorosos.

Por conta dessa afinidade que todos temos com o filosofar, parece claro que seria proveitoso sabermos um pouco sobre como os filósofos se posicionaram a respeito de determinados temas. Desse modo, você poderá enriquecer sua reflexão pessoal por meio de uma argumentação mais rigorosa, o que não significa sempre concordar com eles. Muito pelo contrário, a discussão filosófica está sempre aberta à controvérsia.

3 Para que serve a filosofia?

Retomando o texto de abertura do capítulo: será que a opinião do camponês destoa do que muita gente pensa a respeito do filósofo, quando diz ser ele “uma pessoa que não liga para nada”? Essa ideia não estaria ligada a outra: a de achar que a filosofia não serve para nada?

Afinal, qual é a “utilidade” da filosofia?

Vivemos num mundo que valoriza as aplicações imediatas do conhecimento. O senso comum aplaude a pesquisa científica que visa à cura do câncer ou da aids; a matemática no ensino médio seria importante

Pragmático. No contexto, aquilo que diz respeito à aplicação prática, à utilidade.

por “cair” no vestibular; a formação técnica do advogado, do engenheiro, do fisioterapeuta prepara para o exercício dessas profissões. Diante disso, não é raro que alguém indague: “Para que estudar filosofia se não vou precisar dela na minha vida profissional?”

De acordo com essa linha de pensamento, a filosofia seria realmente “inútil”, já que não serve para nenhuma alteração imediata de ordem prática. No entanto, a filosofia é necessária. Por meio daquele “olhar diferente”, ela busca outra dimensão da realidade além das necessidades imediatas nas quais o indivíduo encontra-se mergulhado: ao tornar-se capaz de superar a situação dada e repensar o pensamento e as ações que ele desencadeia, o indivíduo abre-se para a mudança. Tal como o artista, a que nos referimos na abertura do capítulo, ao filósofo incomoda o imobilismo das coisas feitas e muitas vezes ultrapassadas.

Por isso mesmo, a filosofia pode ser “perigosa”, por exemplo, quando desestabiliza o *status quo* ao se confrontar com o poder. É o que afirma o historiador da filosofia François Châtelet:

Desde que há Estado — da cidade grega às burocracias contemporâneas —, a ideia de verdade sempre se voltou, finalmente, para o lado dos poderes [...]. Por conseguinte, a contribuição específica da filosofia que se coloca a serviço da liberdade, de todas as liberdades, é a de minar, pelas análises que ela opera e pelas ações que desencadeia, as instituições repressivas e simplificadoras: quer se trate da ciência, do ensino, da tradução, da pesquisa, da medicina, da família, da polícia, do fato carcerário, dos sistemas burocráticos, o que importa é fazer aparecer a máscara, deslocá-la, arrancá-la...³

PARA REFLETIR

Sempre há os que ignoram os filósofos. Mas não é o caso dos ditadores: estes os fazem calar, pela censura, porque bem sabem quanto eles ameaçam seu poder.

É bem verdade, alguns dirão, sempre houve e ainda haverá pensadores que bajulam os poderosos e que emprestam suas vozes e argumentos para defender tiranos. Nesse caso, porém, estamos diante das fraquezas do ser humano, seja por estar sujeito a enganos, seja por sucumbir ao temor ou ao desejo de pres-tígio e glória.

³ CHÂTELET, François. *História da filosofia*: ideias, doutrinas. v. VIII. Rio de Janeiro: Zahar, s. d. p. 309.

4 Informação, conhecimento e sabedoria

Para melhor entender o campo da experiência filosófica, o filósofo espanhol Fernando Savater faz uma distinção entre *informação*, *conhecimento* e *sabedoria*. Aproveitamos os três tópicos para comentá-los livremente a seguir.

► Informação

Ao lermos um jornal, uma determinada notícia pode nos chamar a atenção, como a que simulamos a seguir, a partir de dados recolhidos na mídia.

A gravidez na adolescência quase sempre é uma gravidez não planejada e, por isso, indesejada. Desde 1970, a incidência de casos tem aumentado significativamente, ao mesmo tempo que tem diminuído a média de idade das adolescentes grávidas. Na maioria das vezes, a gravidez na adolescência ocorre entre a primeira e a quinta relação sexual, e a jovem grávida procura o serviço de saúde para fazer o pré-natal apenas entre o terceiro e o quarto mês de gravidez.

► Conhecimento

Para explicar essa notícia, podemos lançar mão de uma série de conhecimentos. Por exemplo:

- a ciência da *história* descreve as transformações do comportamento sexual desde a década de 1960 e analisa suas causas, mostrando o afrouxamento das regras que proibiam a atividade sexual antes do casamento, principalmente para as mulheres;
- a *sociologia* investiga a repercussão desses comportamentos nos novos modelos de família (aumento do número de divórcios; liberação da mulher; ampliação do espaço da mulher no mercado de trabalho; as famílias monoparentais, em que as crianças vivem apenas com um genitor, na maior parte das vezes, a mãe; as uniões de pessoas do mesmo sexo);
- a *biologia* descreve como se dá a concepção — e descobre processos de contracepção —, conhecimentos que podem explicar os riscos da gravidez precoce para a saúde das mais jovens;

Status quo. Expressão latina que significa estado atual das coisas, situação vigente.

- a *antropologia* (científica) compara esse tipo de comportamento e suas consequências em diversas culturas;
- a *psicologia* investiga os conflitos de uma gravidez indesejada, o difícil confronto com a família, a reação emocional do jovem futuro pai, a brusca ruptura dos projetos de vida diante de novos e inesperados encargos etc.

Inúmeras outras ciências ocupam-se desse assunto, sem nos esquecermos de que mesmo as pessoas não especializadas analisam esse fato pelo *sensu comum*, baseando-se nos seus conhecimentos, valores e crenças.



HOLZER, JENNY. "PROTEJA-ME DO QUE EU DESEJO", 1987. LICENCIADO POR AUTVIS, BRASIL, 2009.

Protect me from what I want. Intervenção de Jenny Holzer. Londres, 1988.

Jenny Holzer é uma artista conceitual que ao final da década de 1970 e durante a década de 1980 fazia intervenções nos espaços públicos de diversas cidades. Suas frases instigantes propiciavam a reflexão filosófica: o que significa *Protect me from what I want* ("Proteja-me do que eu desejo")? Quero que alguém me proteja? Ou sou eu mesmo que devo fazê-lo? E por que (ou quando) haveria eu de me proteger do meu desejo? Qual é a relação entre desejo e razão?

► Sabedoria

O conceito de *sabedoria* recebeu vários significados ao longo da história humana. Vamos escolher aquele que diz respeito às decisões refletidas que visam buscar um caminho para o bem-viver. Nesse sentido, por sabedoria entendemos um conceito amplo, que tanto inclui a atitude do filósofo como também de qualquer pessoa.

Diante do tema que propusemos discutir — a gravidez precoce —, as questões que se colocam são inúmeras: o que *significa* para esses jovens se descobrirem futuros pais? Qual é o *sentido* desse acontecimento para suas vidas? Que atitude tomar diante do fato consumado: levar a gravidez até o final ou abortar? Dúvida dramática, que exige reflexão ética e envolve questões como liberdade dos jovens *versus* direito à vida da criança.

A propósito do tema da liberdade e da escolha autônoma, transcrevemos trechos de dois filósofos franceses, que podem servir como ponto de partida para uma reflexão sobre a gravidez precoce e não planejada.

A filósofa francesa Simone de Beauvoir diz:

Nenhuma questão moral se coloca para a criança, enquanto ela é incapaz de se reconhecer no passado, de se prever no futuro; é somente quando os momentos de sua vida começam a organizar-se em conduta que ela pode decidir e escolher. Concretamente, é através da paciência, da coragem, da fidelidade que se confirma o valor do fim escolhido e que, reciprocamente, manifesta-se a autenticidade da escolha. Se deixo para trás um ato que pratiquei, ao cair no passado ele se torna coisa; não é mais do que um fato estúpido e opaco. Para impedir essa metamorfose, é preciso que, sem cessar, eu o retome e o justifique na unidade do projeto em que estou engajado. [...] Assim, não poderia eu hoje desejar autenticamente um fim sem querê-lo através de minha existência inteira, como futuro deste momento presente, como passado superado dos dias a vir: querer é comprometer-me a perseverar na minha vontade.⁴

Leia agora este trecho de outro filósofo francês, Georges Gusdorf:

A liberdade é uma das maiores reivindicações da adolescência, mas a liberdade que ela reivindica é uma sombra da liberdade autêntica, tanto quanto a espontaneidade criadora que se imagina descobrir na criança não passa de uma sombra e o simulacro de

⁴ BEAUVOIR, Simone de. *Moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 20.

um verdadeiro poder criador. A liberdade adolescente é uma adolescência da liberdade, uma liberdade de aspiração, uma aspiração à liberdade, sem conteúdo preciso, na onda das paixões e a confusão dos sentimentos e das ideias. [...] A juventude não é a idade da liberdade, mas o tempo de aprendizado da liberdade, a liberdade não sendo definível pela ausência e restrição, ou a revolta contra as restrições. O homem livre é aquele que, tendo feito a prova dos diversos aspectos, dos componentes da personalidade, chegou a pôr em ordem a consciência que tem de si mesmo, no projeto de sua afirmação no mundo. É absurdo imaginar que a criança, o rapaz, possa um belo dia entrar no gozo de sua liberdade, vinda a ele como uma dádiva do céu. A liberdade de um ser humano se faz dificilmente, ela se conquista dia a dia, ela é o desafio de uma conquista, ausente nos começos da vida, desenha-se no decorrer dos anos de formação que correspondem a um percurso através do labirinto mítico das significações e possibilidades da existência. Procura do sentido, procura do centro, tomada de consciência da autenticidade pessoal, não sem angústia nem sofrimento.⁵

PARA REFLETIR

A partir dos dois trechos transcritos, de Beauvoir e Gusdorf, levante as características pelas quais eles expõem o que entendem por escolha livre. Em seguida, estabeleça uma relação com a notícia de jornal sobre a gravidez de adolescentes.

5 É possível definir filosofia?

Talvez você esteja se perguntando: Como então definir o que é filosofia? O filósofo alemão Edmund Husserl diz que ele sabe o que é filosofia, ao mesmo tempo que não sabe. Isto é, a explicitação do que é a filosofia já é uma questão filosófica. E adverte que apenas os pensadores pouco exigentes se contentam com definições cabais.

ETIMOLOGIA

Filosofia. A palavra filosofia (*philos-sophia*) significa “amor à sabedoria” ou “amizade pelo saber”. Pitágoras (séc. VI a.C.), filósofo e matemático grego, teria sido o primeiro a usar o termo *filósofo*, por não se considerar um “sábio” (*sophos*), mas apenas alguém que ama e procura a sabedoria.

Além disso, a filosofia não está à margem do mundo, nem constitui uma doutrina, um saber acabado ou um conjunto de conhecimentos estabelecidos de uma vez por todas. Ao contrário, a filosofia pressupõe constante disponibilidade para a indagação. Por isso, Platão e Aristóteles disseram que a primeira virtude do filósofo é *admirar-se*, ser capaz de se surpreender com o óbvio e questionar as verdades dadas. Essa é a condição para *problematizar*, o que caracteriza a filosofia não como posse da verdade e sim como sua busca.

► O processo do filosofar

Kant, filósofo alemão, assim se refere ao filosofar:

Não é possível aprender qualquer filosofia; [...] só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os.⁶

Em que essa citação de Kant pode orientar seu contato com a filosofia? Ela serve para advertir que, mesmo estudando o pensamento dos grandes filósofos — é importante que se conheça o que pensaram —, você mesmo deve *aprender a filosofar*, exercer o direito de refletir por si próprio, de confirmar ou rejeitar as ideias e os conceitos com os quais se depara. Em outras palavras, a filosofia é sobretudo a experiência de um pensar permanente.

Mais que um saber, a filosofia é uma *atitude* diante da vida, tanto no dia a dia como nas situações-limite, que exigem decisões cruciais. Por isso, no seu encontro com a tradição filosófica, é preferível não recebê-la passivamente como um *produto*, como algo acabado, mas compreendê-la como *processo*, reflexão crítica e autônoma a respeito da realidade.

Simulacro. Representação, imitação.

Situação-limite. Expressão que se refere a situações extremas de adversidade, como a ameaça de morte, uma doença, a perda de um ente querido, experiências que modificam nosso olhar sobre nosso cotidiano.

⁵ GUSDORF, Georges. *Impasses e progressos da liberdade*. São Paulo: Convívio, 1979. p. 107-108.

⁶ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 407.

► A reflexão filosófica

Já dissemos que a **reflexão** não é privilégio do filósofo. O que, portanto, distingue a reflexão filosófica das demais?

O filósofo brasileiro Dermeval Saviani, no livro *Educação brasileira: estrutura e sistema*, na tentativa de se aproximar de uma definição possível, conceitua a filosofia como uma reflexão **radical, rigorosa e de conjunto** sobre os problemas que a realidade apresenta. Explicaremos esses três tópicos.

E ETIMOLOGIA

Reflexão. *Reflectere*, em latim, significa "fazer retroceder", "voltar atrás". Portanto, refletir é retomar o próprio pensamento, pensar o já pensado, voltar para si mesmo e questionar o já conhecido.

Radical. Em latim, *radix, radice* significa "raiz", mas também "fundamento", "base".

a) Radical

A filosofia é *radical*, não no sentido corriqueiro de ser inflexível — nesse caso seria a antifilosofia! —, mas porque busca explicitar os conceitos fundamentais usados em todos os campos do pensar e do agir. Por exemplo, a filosofia das ciências examina os pressupostos do saber científico: é ela que reflete sobre o que a comunidade científica define como ciência, como a ciência se distingue da filosofia e de outros tipos de saber, quais são as características dos diversos métodos científicos, qual a dimensão de verdade das teorias científicas e assim por diante. O mesmo se dá com a psicologia, ao abordar o conceito de liberdade: indagar se o ser humano é livre ou determinado já é fazer filosofia.

b) Rigorosa

Os filósofos desenvolvem um pensamento rigoroso, justificado por argumentos, coerente em suas diversas partes. O uso de linguagem *rigorosa* evita as ambiguidades das expressões cotidianas, o que permite a interlocução com outros filósofos a partir de *conceitos* claramente definidos. Por isso criam expressões novas ou alteram o sentido de palavras usuais. Por exemplo, enquanto o termo *ideia* no grego arcaico (*eidos*: "forma") significava a intuição sensível de uma coisa (aquilo que se vê ou é visto), Platão criou o conceito de *ideia* para referir-se à concepção racional do conhecimento, a forma imaterial de uma coisa. Por exemplo, as pessoas e as coisas belas são percebidas pelos meus sentidos, mas a *beleza* é uma ideia pela qual compreendo a essência — ou seja, aquilo que faz com que uma

coisa seja bela. Nesse sentido, para ele as ideias são mais "reais" que as próprias coisas.

No entanto, o conceito de *ideia* seria reinventado ao longo da história da filosofia, assumindo conotações diferentes em Descartes, Kant, Hegel e assim por diante. É pelo rigor dos conceitos que se inovam os caminhos da reflexão. E isso não significa que um filósofo "suplanta" outro, porque qualquer um deles pode — e deve — ser revisitado sempre.

PARA REFLETIR

Você já ouviu falar em *ética aplicada*? É um ramo da filosofia contemporânea que trata de questões práticas que, por sua vez, exigem justificação racional. São ramos da ética aplicada: a bioética, a ética ambiental e a ética dos negócios, que refletem, por exemplo, sobre a manipulação do genoma humano, o desastre ecológico e a responsabilidade social das empresas, respectivamente.

DIGITAL VISIONGETTY IMAGES



Fotocomposição mostrando mãos que envolvem o planeta Terra, 2000.

A partir dessa figura, faça uma reflexão sobre a ética ambiental: quais são as responsabilidades humanas (para o bem e para o mal) pelo destino do planeta? Proponha um título para a imagem e escreva um breve texto sobre o assunto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

c) De conjunto

A filosofia é um tipo de reflexão totalizante, de conjunto, porque examina os problemas relacionando os diversos aspectos entre si. Mais ainda, o objeto da filosofia é *tudo*, porque nada escapa a seu interesse. Por exemplo, o filósofo se debruça sobre assuntos tão diferentes como a moral, a política, a ciência, o mito, a religião, o cômico, a arte, a técnica, a educação e tantos outros. Daí o caráter *transdisciplinar* da filosofia, ao estabelecer o elo entre as diversas expressões do saber e do agir. Desse modo, o avanço da biologia genética desperta a discussão filosófica da bioética; a produção artística provoca a reflexão estética e assim por diante.



PARA SABER MAIS

As áreas de investigação filosófica

Os campos clássicos da investigação filosófica são: Lógica, Metafísica, Teoria do Conhecimento, Epistemologia, Filosofia Política, Ética, Estética. Para saber de sua abrangência, consulte os verbetes no **Vocabulário**, no final do livro.

Existem também inúmeras aplicações da filosofia a áreas específicas do conhecimento. Veja alguns exemplos: filosofia da educação, filosofia da linguagem, filosofia do direito, filosofia da religião, filosofia de cada uma das ciências (filosofia da matemática, da história, da biologia etc.) e assim por diante.

6 Um filósofo

Lembremos a figura de Sócrates. Dizem que era um homem feio, mas que, quando falava, exercia estranho fascínio. Procurado pelos jovens, passava horas discutindo na praça pública. Interpelava os transeuntes, dizendo-se ignorante, e fazia perguntas aos que julgavam entender determinado assunto: “O que é a coragem e a covardia?”, “O que é a beleza?”, “O que é a justiça?”, “O que é a virtude?”. Desse modo, Sócrates não fazia preleções, mas dialogava. Ao final, o interlocutor concluía não haver saída senão reconhecer a própria ignorância. A discussão tomava então outro rumo, na tentativa de explicitar melhor o conceito. Vejamos então esses dois momentos, que Sócrates denominou ironia e maiêutica.



ETIMOLOGIA

Ironia. Do grego *eironēia*, “ação de perguntar, fingindo ignorar”.

Maiêutica. Do grego *maieutiké*, “arte de fazer um parto”.

No sentido comum, usamos a ironia para dizer algo e expressar exatamente o contrário. Por exemplo: afirmamos que alguma coisa é bonita, mas na verdade insinuamos que é muito feia. Diferentemente, para Sócrates, a ironia consiste em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento.

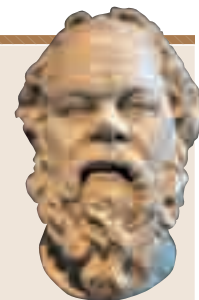
A maiêutica centra-se na investigação dos conceitos. Para tanto, Sócrates faz novas perguntas para que seu interlocutor possa refletir. Portanto não ensina, mas o interlocutor descobre o que já sabia. Sócrates dizia que, enquanto sua mãe fazia parto de corpos, ele ajudava a trazer à luz ideias.

O interessante nesse método é que nem sempre as discussões levam de fato a uma conclusão efetiva, mas ainda assim trazem o benefício de cada um abandonar a sua *doxa*, termo grego que designa a opinião, um conhecimento impreciso e sem fundamento. A partir daí, é possível abandonar o que se sabia sem crítica e atingir o conhecimento verdadeiro.



QUEM É?

Sócrates (c. 470-399 a.C.). Nasceu e viveu em Atenas, Grécia. Filho de um escultor e de uma parteira, Sócrates conhecia a doutrina dos filósofos que o antecederam e de seus contemporâneos. Discutia em praça pública sem nada cobrar. Não deixou livros, por isso conhecemos suas ideias por meio de seus discípulos, sobretudo Platão e Xenofonte. Acusado de corromper a mocidade e negar os deuses oficiais da cidade, foi condenado à morte. Esses acontecimentos finais são relatados no diálogo de Platão, *Defesa de Sócrates*. Em outra obra, *Fédon*, Sócrates discute com os discípulos sobre a imortalidade da alma, enquanto aguarda o momento de beber a cicuta. Na maioria dos diálogos platônicos, Sócrates é o protagonista.



Busto de Sócrates, original grego do século IV a.C.

PETER HORREE/ALAMY-OTHER IMAGES - MUSEU CAPITOLINI, ROMA

► “Só sei que nada sei”

Em certa passagem de a *Defesa de Sócrates*, na qual se refere às calúnias de que foi vítima, o próprio filósofo lembra quando esteve em Delfos, local em que as pessoas consultavam o oráculo no templo de Apolo para saber sobre assuntos religiosos, políticos ou ainda sobre o futuro.

Oráculo. Resposta da divindade às perguntas feitas pelos devotos.

Lá, quando o seu amigo Querofonte consultou Pítia indagando se havia alguém mais sábio do que seu mestre Sócrates, ouviu uma resposta negativa.

Surpreendido com a resposta do oráculo, Sócrates resolveu investigar por si próprio quem se dizia sábio. Sua fala é assim relatada por Platão:

Fui ter com um dos que passam por sábios, porquanto, se havia lugar, era ali que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: “Eis aqui um mais sábio que eu, quanto tu disseste que eu o era!”. Submeti a exame essa pessoa — é escusado dizer o seu nome: era um dos políticos. Eis, Atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele; achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não o era. Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio, mas não o era. A consequência foi tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes. Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: “Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei”. Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e tive a mesmíssima impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros.⁷

Ao ler essa passagem, podemos entender como a máxima socrática “só sei que nada sei” surgiu como ponto de partida para o filosofar. Podemos então fazer algumas observações:

- Sócrates não está voltado para si mesmo como um pensador alheio ao mundo, e sim na praça pública.
- Seu conhecimento não deriva de um saber acabado, porque é vivo e em processo de se fazer, tendo por conteúdo a experiência cotidiana.
- Guia-se pelo princípio de que nada sabe e, dessa perplexidade primeira, inicia a interrogação e o questionamento de tudo que parece óbvio.
- Ao criticar o saber dogmático, não quer com isso dizer que ele próprio seja detentor de um saber. Desperta as consciências adormecidas, mas não se considera um “farol” que ilumina: o caminho novo deve ser construído pela discussão, que é intersubjetiva, e pela busca das soluções.
- Sócrates é “subversivo” porque “desnorreia”, perturba a “ordem” do conhecer e do fazer, e por isso incomoda tanto os poderosos.

⁷ PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. v. II. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 15. (Coleção Os Pensadores).



Em um cântaro ático (séc. V a.C.), a Pítia é consultada por um rei.

Muitas cidades gregas tinham oráculos, nos quais sacerdotisas chamadas de Pítias ou Pitonisas atendiam pessoas que vinham de longe para consultá-las sobre problemas pessoais, de negócios ou de política. Em Delfos, um dos mais importantes oráculos, a Pítia, em transe, ouvia o deus Apolo. Suas respostas eram interpretadas por sacerdotes com palavras sábias, mas às vezes ambíguas.

7 Para não concluir...

Começamos este capítulo com o diálogo em que um camponês pensa que “um filósofo é uma pessoa que não liga para nada”. E terminamos com Sócrates, que, interrogando as pessoas que transitavam pela praça pública, as fazia pensar, o que despertou a ira dos poderosos.

Entretanto, teria o filósofo resposta para tudo? É lógico que não. Vimos que Sócrates faz muitas perguntas, questiona, busca interlocutores a fim de compartilhar e discutir suas indagações. Mas nem sempre esses diálogos chegavam a uma resposta definitiva. Por isso costumamos dizer que a filosofia é a procura, mas não a posse, da verdade.

Pítia. Também chamada Pitonisa. Sacerdotisa que, em transe, proferia a resposta do deus Apolo às perguntas formuladas.

Dogmático. No contexto, saber baseado em crença não justificada, sem questionamentos.

Intersubjetivo. Entre sujeitos, entre diferentes pessoas.

Leitura complementar

A turba do “pega e lincha”

Neste artigo, o psicanalista Contardo Calligaris refere-se ao assassinato de uma menina, Isabella, cujos principais suspeitos eram o próprio pai e a madrasta. Ao mesmo tempo, comenta sobre a turba — a multidão desordenada — constituída por pessoas que vêm de longe, gritam, xingam, ameaçam, cercam a residência dos supostos criminosos, dos avós da criança e as delegacias. E o autor indaga: “Por que estavam ali? A qual necessidade interna obedeciam sua presença e a truculência de suas vozes?”

“[...] Pelo que sinto e pelo que ouço ao redor de mim, eles [os indivíduos da turba] estão errados. O espetáculo que eles nos oferecem inspira um horror que rivaliza com o que é produzido pela morte de Isabella. Resta que eles supõem nossa cumplicidade, contam com ela. Gritam seu ódio na nossa frente para que, todos juntos, constituamos um grande sujeito coletivo que eles representariam: ‘nós’, que não matamos Isabella; ‘nós’, que somos diferentes dos assassinos; ‘nós’, que, portanto, vamos linchar os ‘culpados’. Em parte, a irritação que sinto ao contemplar a turma do ‘pega e lincha’ tem a ver com isto: eles se agitam para me levar na dança com eles, e eu não quero ir.

As turbas servem sempre para a mesma coisa. Os americanos de pequena classe média que, no Sul dos Estados Unidos, no século XIX e no começo do século XX, saíam para linchar negros procuravam só uma certeza: a de eles mesmos não serem negros, ou seja, a certeza de sua diferença social.

O mesmo vale para os alemães que saíram para saquear os comércios dos judeus na Noite de Cristal, ou para os russos ou poloneses que faziam isso pela Europa Oriental afora, cada vez que desse: queriam sobretudo afirmar sua diferença. Regra sem exceções conhecidas: a vontade exasperada de afirmar sua diferença é própria de

quem se sente ameaçado pela similaridade do outro. No caso, os membros da turba gritam sua indignação porque precisam muito proclamar que aquilo não é com eles. Querem linchar porque é o melhor jeito de esquecer que ontem sacudiram seu bebê para que parasse de chorar, até que ele ficou branco. Ou que, na outra noite, voltaram bêbados para casa e não se lembram em quem bateram e quanto.

Nos primeiros cinco dias depois do assassinato de Isabella, um adolescente morreu pela quebra de um tobogã, uma criança de 4 anos foi esmagada por um poste derrubado por um ônibus, uma menina pulou do quarto andar apavorada pelo pai bêbado, um menino de 9 anos foi queimado com um ferro de marcar boi. Sem contar as crianças que morreram de dengue. [...]

A turba do ‘pega e lincha’ representa, sim, alguma coisa que está em todos nós, mas que não é um anseio de justiça. A própria necessidade enlouquecida de se diferenciar dos assassinos presumidos aponta essa turma como representante legítima da brutalidade com a qual, apesar de estatutos e leis, as crianças podem ser e continuam sendo vítimas dos adultos.”

CALLIGARIS, Contardo. *A turba do “pega e lincha”*. Em: *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 24 abr. 2008.

Questões

- 1 Considerando o que foi visto no tópico “Informação, conhecimento e sabedoria”, atenda às questões.
 - a) Qual é a informação focada por Calligaris nesse artigo?
 - b) Baseado no conhecimento psicanalítico e na experiência analítica em seu consultório, como o autor interpreta a informação?
 - c) O autor nos fornece pistas para a reflexão sobre a vida (a sabedoria) e, portanto, para o filosofar. Por exemplo, leva-nos a indagar “o que é a justiça?”. Na mesma linha, identifique outros questionamentos por ele sugeridos.
- 2 Reúna-se com seu grupo para discutir um dos temas filosóficos sugeridos no item **c)** da questão anterior. Façam um resumo com os principais tópicos da discussão para apresentar à classe.

Atividades

Reverendo o capítulo

- 1 Gramsci afirma que “não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo”. Então, o que cada um de nós tem em comum com o filósofo? E em que dele nos distinguimos? Converse com seu colega para identificar quais têm sido suas principais “questões filosóficas”.
- 2 Explique o que Edmund Husserl quis dizer com a aparente ambiguidade segundo a qual ele “sabe” e, ao mesmo tempo, “não sabe” o que é filosofia.
- 3 De acordo com o senso comum, *radical* significa brusco, violento ou inflexível, extremado. Explique por que não é esse o sentido que se atribui à filosofia quando a consideramos uma reflexão radical.
- 4 A partir do que você estudou sobre Sócrates, responda.
 - a) O que significa a máxima socrática “só sei que nada sei”? Ela se refere a Sócrates ou à própria filosofia? Como?
 - b) Em que consiste o método socrático? Explique.
 - c) Os inimigos de Sócrates acusavam-no de corromper a juventude. Segundo a tradição filosófica, seria outra a intenção do filósofo. Explique. Em seguida, reúna-se com seus colegas para imaginar quem seriam, hoje, os inimigos de Sócrates.

Aplicando os conceitos

- 5 Releia os itens sobre *informação*, *conhecimento* e *sabedoria*. Com seus colegas, escolha outra notícia de jornal e levante possíveis questões filosóficas a respeito dela.
- 6 Veja a tira de Fernando Gonsales e Angeli e explique qual é a crítica feita pelos cartunistas às pessoas que desvalorizam a filosofia. Posicione-se a respeito.



FERNANDO GONSALES

Benedito Cujo, de Fernando Gonsales e Angeli. Em: *Folha de S. Paulo*, 16 out. 1985. Caderno Fovest.

- 7 Se o objeto da filosofia é tudo, procure identificar, com o seu grupo, temas de diferentes campos filosóficos interessantes à filosofia – moral, política etc. Se necessário, consulte o quadro “Para saber mais – As áreas de investigação filosófica” e também o **Vocabulário**, no final do livro.
- 8 “Em filosofia, são os próprios conceitos através dos quais compreendemos o mundo que se tornam tópico de investigação. A filosofia de uma disciplina, como a filosofia da história, da física ou do direito, não procura resolver problemas históricos, físicos ou legais, mas antes estudar os conceitos que estruturam o pensamento em tais disciplinas, e tornar claros os seus fundamentos e pressupostos. Nesse sentido, a filosofia é o que acontece quando uma prática se torna autoconsciente.” (Simon Blackburn. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 149.)
A partir das informações acima, responda.
 - a) De quais questões se ocupa o historiador?
 - b) E os filósofos da história, que tipo de questões os inquieta?
- 9 Retome as indagações do final da introdução à Unidade, em que comentamos a ousadia daqueles três artistas, e explique em que medida Sócrates e os filósofos posteriores também abrem fendas no guarda-sol das opiniões prontas, instaurando o caos.

Caiu no vestibular

- 10 (UFMG) Leia este trecho.

“[...] a filosofia não é a revelação feita ao ignorante por quem sabe tudo, mas o diálogo entre iguais que se fazem cúmplices em sua mútua submissão à força da razão e não à razão da força.” (Fernando Savater. *As perguntas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 2.)

Com base na leitura desse trecho e em outros conhecimentos sobre o assunto, redija um texto destacando duas características da atitude filosófica.

A consciência mítica



A queda de Ícaro.
Peter Paul Rubens,
(1636-1638).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Esta tela do pintor flamengo Peter Paul Rubens faz menção a Ícaro, personagem mítico. Segundo uma das versões do mito grego, Dédalo e seu filho Ícaro estavam presos no labirinto de Creta, como castigo por ter ajudado Teseu a encontrar o Minotauro e matá-lo. Assim relata Pierre Grimal: "Dédalo, a quem não faltavam recursos, fabricou para Ícaro e para si mesmo umas asas que colou com cera aos seus ombros e aos do filho. Em seguida, ambos levantaram voo. Antes de partir, Dédalo recomendara a Ícaro que não voasse nem muito baixo nem muito alto. Ícaro, porém, orgulhoso, não deu ouvidos aos conselhos do pai e elevou-se nos ares, aproximando-se tanto do Sol que a cera derreteu e o imprudente caiu no mar que, a partir desse momento, se chamou Mar Icário".¹

A partir da imagem e do relato acima, e antes de ler o capítulo, explique que significado um mito teria para os povos da Antiguidade. Em seguida, elabore uma interpretação atual para o mito de Ícaro.

¹ *Dicionário da mitologia grega e romana.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s. d. p. 241.

1 Dois relatos míticos

Costumamos dizer que a filosofia é grega, por ter nascido nas colônias gregas no século VI a.C. E antes da filosofia, que tipos de pensamentos ocupavam a mente das pessoas?

Vamos primeiro examinar o mito, modo de consciência que predomina nas sociedades tribais e que nas civilizações da Antiguidade ainda exerceu significativa influência. Ao contrário, porém, do que muitos supõem, o mito não desapareceu com o tempo. Está presente até hoje, permeando nossas esperanças e temores, como veremos.

Entre os povos indígenas habitantes das terras brasileiras, encontramos várias versões sobre a origem da noite. Um desses relatos é o dos maué, nativos dos rios Tapajós e Madeira. Segundo eles, no início só havia o dia. Cansados da luz, foram ao encontro da Cobra-Grande, a dona da noite. Ela atendeu ao pedido com a condição de que os indígenas lhe dessem o veneno com que os pequenos animais como aranhas, cobras e escorpiões se protegiam. Em troca, receberam um coco com a recomendação de só abri-lo ao chegarem à maloca. Ao ouvirem ruídos estranhos saindo dele, não resistiram à tentação e assim deixaram escapar antecipadamente a escuridão da noite. Atônitos e perdidos, pisaram nos pequenos bichos, cujas picadas venenosas mataram muitos deles. Desde então, os sobreviventes aprenderam os cuidados que deveriam tomar quando a noite viesse.

De modo semelhante aos maué, os gregos dos tempos homéricos narram o mito de Pandora, a primeira mulher. Em uma das muitas versões desse mito, Zeus enviou um presente aos humanos, mas com a intenção de puni-los por terem recebido o fogo do titã Prometeu, que o roubara dos Céus. Pandora levava consigo uma caixa, que abriu por curiosidade, deixando escapar todos os males que afligem a humanidade. Conseguiu, porém, fechá-la a tempo de reter a esperança, única maneira de suportarmos as dores e os sofrimentos da vida.

Nos dois relatos, percebemos situações aparentemente diversas, mas que se assemelham, pois ambos tratam da origem de algo: entre os indígenas, como surgiu a noite; e entre os gregos, a origem dos males. E trazem como consequências dificuldades que as pessoas devem enfrentar.

A leitura apressada do mito nos leva a compreendê-lo como uma maneira fantasiosa de explicar a realidade, quando esta ainda não foi justificada pela razão. Sob esse enfoque, os mitos seriam lendas, fábulas, crendices e, portanto, um tipo inferior de conhecimento, a ser superado por explicações mais racionais. Tanto é que, na linguagem comum, costuma-se identificar o mito à mentira.

E ETIMOLOGIA

Mito. *Mythos*, em grego, significa “palavra”, “o que se diz”, “narrativa”. A consciência mítica é predominante em culturas de tradição oral, quando ainda não há escrita.

ROMULO FIALDINI/CERVO DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP



O pintor pernambucano Rego Monteiro é um artista do modernismo brasileiro que recorre aos temas dos mitos indígenas. Nessa aquarela, vemos o contraste entre as raízes arcaicas indígenas e o tratamento contemporâneo da imagem. Observe o traço fino, a delicadeza dos gestos – o índio mais parece um bailarino – e a moça, que se deixa levar sem resistência. Ao fundo, a lua emoldura o casal.

Que mito está representado na pintura?

O boto é um mamífero cetáceo comum nas águas do Rio Amazonas. Segundo a lenda do Boto-Cor-de-Rosa, à noite ele emerge do rio e se transforma em um belo e irresistível homem que seduz as moças e as engravida. As mães advertem as filhas para o perigo que ele representa. Tal como na proposta de Rego Monteiro, podemos nos perguntar: o que esse mito tem a nos dizer hoje?

O boto. Vicente do Rego Monteiro, 1921.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No entanto, o mito é mais complexo e muito mais expressivo e rico do que supomos quando apenas o tomamos como o relato frio de lendas desligadas do ambiente que as fez surgir.

Não só os povos tribais ou as civilizações antigas elaboram mitos. A consciência mítica persiste em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender e sobretudo sentir a realidade, como veremos adiante.

2 O que é mito?

Como processo de compreensão da realidade, o mito não é lenda, pura fantasia, mas *verdade*. Quando pensamos em verdade, é comum nos referirmos à coerência lógica, garantida pelo rigor da argumentação e pela apresentação de provas. A verdade do mito, porém, resulta de uma *intuição compreensiva da realidade*, cujas raízes se fundam na emoção e na afetividade. Nesse sentido, antes de interpretar o mundo de maneira argumentativa, o mito expressa o que desejamos ou tememos, como somos atraídos pelas coisas ou como delas nos afastamos.

Não se trata, porém, de qualquer intuição. Para melhor circunscrever o conceito de mito, precisamos de outro componente — o mistério —, pois ele sempre é um enigma a ser decifrado e como tal representa nosso espanto diante do mundo.

PARA REFLETIR

O *mistério* é algo que não podemos compreender, por ser inacessível à razão e depender da fé. Um *problema* é algo que ainda não compreendemos, mas cuja resposta nos esforçamos para descobrir. Você poderia dar um exemplo de cada um desses conceitos?

Segundo alguns intérpretes, o “falar sobre o mundo” simbolizado pelo mito está impregnado do desejo humano de afugentar a insegurança, os temores e a angústia diante do desconhecido, do perigo e da morte. Para tanto, os relatos míticos se sustentam na crença, na fé em forças superiores que protegem ou ameaçam, recompensam ou castigam.

Entre as comunidades tribais, os mitos constituem um discurso de tal força que se estende por todas as esferas da realidade vivida. Desse modo, o sagrado (ou seja, a relação entre a pessoa e o divino) permeia todos os campos da atividade humana. Por isso, os modelos de construção mítica são de *natureza sobrenatural*, isto é, recorre-se aos deuses para essa compreensão do real.

3 Os rituais

Segundo Mircea Eliade, historiador romeno estudioso das religiões, uma das características do mito é fixar os *modelos exemplares* de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas. Desse modo, os gestos dos deuses são imitados nos rituais. Essa é a justificativa dada pelos teólogos e ritualistas hindus: “Devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio”; “Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens”.

Eliade exemplifica com a resposta dada pelos arunta, povos nativos da Austrália, a respeito da maneira pela qual celebravam as cerimônias: “Porque os ancestrais assim o prescreveram”. Em seus rituais, porém, os arunta não se limitavam a representar ou imitar a vida, os feitos e as aventuras dos ancestrais: tudo se passava como se os antepassados aparecessem de fato nas cerimônias.

O tempo sagrado é, portanto, reversível, ou seja, a festa religiosa não é simples comemoração, mas a ocasião pela qual o evento sagrado, que teve lugar no passado mítico, acontece novamente. Caso contrário, a semente não brotará da terra, a mulher não será fecundada, a árvore não dará frutos, o dia não sucederá à noite. Sem os ritos, é como se os fatos naturais descritos não pudessem se concretizar.

Exemplos de rituais

A maneira mágica pela qual os povos tribais agem sobre o mundo pode ser exemplificada pelos inúmeros *ritos de passagem*: do nascimento, da infância para a idade adulta, do casamento, da morte.

Assim diz Mircea Eliade:

... quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física, não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São os ritos que se efetuam imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de ‘vivo’ propriamente dito; é somente graças a estes ritos que ele fica integrado na comunidade dos vivos. [...] Para certos povos, [...] a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida à sua nova morada, no outro mundo, e lá embaixo, foi aceito pela comunidade dos mortos.²

² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s. d. p. 143-144.

Ainda hoje, a maioria das religiões contemporâneas mantém os ritos próprios de sua crença: cultos, cerimônias, oferendas, preces, templos, festas e objetos religiosos.

► Transgressão do tabu

No ambiente da tribo, o equilíbrio pessoal depende da preponderância do coletivo, o que facilita a adaptação do indivíduo à tradição. Ora, no universo em que predomina a consciência coletiva, a desobediência ultrapassa quem violou a proibição, podendo atingir a família, os amigos e, às vezes, toda a tribo.

É o caso do *tabu*, termo que significa *proibição*, *interdito*, e que entre os povos tribais assume caráter sagrado. O mais primitivo tabu é o do incesto, mas há inúmeros outros, como o impedimento de tocar em algum objeto, animal ou em alguém. Por exemplo: em algumas tribos indígenas as mulheres menstruadas não devem tocar nos utensílios masculinos porque, contaminados, provocariam males e desgraças; a vaca é ainda hoje um animal sagrado na Índia e não deve ser molestada.

Quando nas tribos a proibição é transgredida, são feitos *ritos de purificação*, como abster-se de alimentos, retirar-se para local isolado, submeter-se a cerimônias de ablução, em que se lava o corpo ou parte dele. Outros procedimentos são os rituais do “bode expiatório”: após a transgressão ter provocado doença em um indivíduo ou o mal ter atingido toda a tribo, o sacrifício de animais ou de pessoas é um processo de “expição”, ou seja, de purificação.

++ PARA SABER MAIS

Ainda hoje o termo *tabu* é usado no sentido sagrado, mas também no não religioso: a proibição de pronunciar algumas palavras, como as referentes a certas partes do corpo, ou evitar dizer “câncer” ou “aids”, substituindo os nomes por “aquela doença”. O “tabu” da virgindade feminina foi imposição severa até a década de 1960, quando ocorreu a chamada revolução sexual. E ainda se costuma dizer nos jogos que um time “quebrou um tabu” ao vencer outro do qual há muito perdia.

4 Teorias sobre o mito

Entre as inúmeras teorias sobre o mito, citamos as de antropólogos, como Bronislaw Malinowski e Claude Lévi-Strauss; de filósofos, como Ernst Cassirer, Georges Gusdorf, Roland Barthes e Michel Foucault; de psicanalistas, como Sigmund Freud e seu discípulo dissidente Carl Jung; de historiadores, como Mircea Eliade e tantos outros.

► As funções do mito

Alguns teóricos explicam o mito pela função que desempenha no cotidiano da tribo, garantindo a tradição e a sobrevivência do grupo.

Vejam alguns exemplos.

- **A origem da agricultura:** segundo o mito indígena tupi, a mandioca, alimento básico da tribo, nasce do túmulo de uma criança chamada Mandi; no mito grego, Perséfone é levada por Hades para seu castelo tenebroso, mas, a pedido de sua mãe, Deméter, retorna em certos períodos: esse mito simboliza o trigo enterrado como semente e renascendo como planta.
- **A fertilidade das mulheres:** para os arunta, os espíritos dos mortos esperam a hora de renascer e penetram no ventre das mulheres quando elas passam por certos locais.
- **O caráter mágico das danças e desenhos:** quando os homens pré-históricos faziam pinturas nas paredes das cavernas, representando a captura de renas, talvez não pretendessem enfeitá-las nem apenas mostrar suas habilidades pictóricas, mas agir magicamente, para garantir de antemão o sucesso das caçadas; essa suposição se deve ao fato de que geralmente os desenhos eram feitos nas partes mais escuras da caverna.



Pintura rupestre em Lascaux, França, c. 15 mil anos atrás.

Incesto. Relação sexual entre parentes consanguíneos ou afins.

► O caráter inconsciente do mito

Outros intérpretes da linha psicológica, como Sigmund Freud, fundador da psicanálise, e seu discípulo dissidente Carl Jung, acentuam o caráter existencial e inconsciente do mito, como revelador do sonho, da fantasia, dos desejos mais profundos do ser humano. Por exemplo, ao analisar o mito de Édipo, Freud realça o amor e o ódio inconscientes que permeiam a relação familiar. E Jung se refere ao inconsciente coletivo, que seria encontrável nos grupos e nas pessoas em qualquer época ou lugar.

► O mito como estrutura

Outra linha de interpretação do mito é a do antropólogo Lévi-Strauss, representante da corrente estruturalista. Como o nome diz, trata-se de procurar a estrutura básica que explica os mais diversos mitos, procedimento que valoriza mais o sistema do que os elementos que o compõem. Os elementos, por serem relativos, só têm valor de acordo com a posição que encontram na estrutura a que pertencem. Ou seja, um fato isolado ou um mito isolado não possuem significado em si.

QUEM É?

Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo e filósofo, nasceu na Bélgica e viveu na França. Na década de 1930, foi professor da Universidade de São Paulo e pesquisou tribos indígenas do Brasil Central. Suas principais obras: *A vida familiar e social dos índios nhamiquaras*, *Tristes trópicos*, *Antropologia estrutural*, *O pensamento selvagem*, entre outras.



Claude Lévi-Strauss, 1990.

Inconsciente coletivo. Para Jung, o inconsciente coletivo é hereditário, "idêntico em todos os homens, e constitui um substrato psíquico comum, de natureza suprapessoal, que está presente em cada um de nós".

Arquétipo. Segundo Jung, imagens ancestrais e simbólicas que se exprimem por meio do inconsciente



Mandala pintada por Adelina Gomes (1966).

Nise da Silveira (1906-1999), pioneira da psicologia junguiana no Brasil, dirigiu o Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. No tratamento da esquizofrenia, recusou as práticas agressivas, usando recursos diversos, inclusive a pintura, e a partir dela analisava os mitos e os arquétipos expressos inconscientemente pelos seus pacientes, como nessa mandala. Para ela, "a configuração de mandalas harmoniosas denotará intensa mobilização de forças autocurativas para compensar a desordem interna". No caso de sua paciente Adelina Gomes, a mandala "apresenta notáveis melhoras clínicas. A flor vermelha indica que afetos intensos tendem a organizar-se em torno de um centro. Mas a perigosa serpente de duas cabeças ronda na periferia ainda não incorporada ao círculo".³

pessoal e coletivo, de sonhos, de delírios e em manifestações artísticas.

Mandala. Do sânscrito, "círculo". Segundo Jung, as mandalas são imagens circulares desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas que sugerem ordenação, recuperação do equilíbrio, renovação da personalidade.

³ SILVEIRA, Nise da. *As imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. p. 65.

Enquanto outros teóricos interpretam os mitos pela sua funcionalidade e se baseiam nos elementos particulares, na pura subjetividade ou na história de um determinado povo, Lévi-Strauss busca os elementos invariantes, que persistem sob diferenças superficiais.

Para tanto, interessam-lhe os sistemas de relações de parentesco, filiação, comunicação linguística, troca econômica etc., comuns a todas as sociedades. Por exemplo, uma regra universal é a proibição do incesto. Esse interdito tem o lado positivo de garantir a exogamia, ou seja, a união com pessoas de outro grupo.

E ETIMOLOGIA

Exogamia. Palavra composta por dois termos gregos: *exo*, “fora de”, e *gamos*, “casamento”.

Segundo Lévi-Strauss, o mito não é, como se costuma dizer, o lugar da fantasia e do arbitrário, mas pode ser compreendido a partir de uma estrutura lógico-formal subjacente, pelo lugar que cada elemento ocupa em determinada estrutura. Assim ele explica:

Não pretendemos mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos [através das estruturas] se pensam nos homens, e à sua revelia.⁴

5 O mito nas civilizações antigas

Até aqui, tudo o que dissemos sobre os mitos nos remete aos povos tribais, cujas relações permanecem igualitárias. Nas sociedades mais complexas, com novas técnicas e ofícios especializados, desenvolvimento da agricultura, pastoreio e comércio de excedentes, começaram a se estabelecer hierarquias entre segmentos sociais, inclusive introduzindo a escravidão.

Assim floresceram as primeiras grandes civilizações, como na Mesopotâmia, no Egito, na Índia, na China e em Israel. As duas primeiras são as mais antigas e teriam surgido por volta do final do quarto milênio a.C. É bom lembrar que essas datas são aproximativas, uma vez que dependem de interpretações históricas muitas vezes divergentes entre si.

Nessas civilizações tão antigas o mito era componente importante da cultura, mas as instituições

religiosas, por se tornarem mais elaboradas, provocaram a separação entre o espaço sagrado dos santuários e o espaço profano da vida cotidiana. O poder era exercido pela classe sacerdotal ou por seu representante máximo, como o faraó, soberano considerado um deus. Esse poder, em alguns casos, tornava-se teocrático. O culto exigia monumentos grandiosos, como os templos e as pirâmides, onde eram sepultados os reis.

► Os deuses gregos

A civilização grega teve início por volta do século XX a.C. (entre 2000 e 1900 a.C.), quando invasores de origem indo-europeia ocuparam o continente, dando início à civilização aqueia (ou micênica). Nessa época a Grécia ainda se chamava Hélade e era constituída por diversas regiões autônomas, mas que mantiveram a língua e a unidade cultural.

A religião dos gregos era politeísta. Os deuses, habitantes do monte Olimpo, eram imortais, embora tivessem comportamentos semelhantes aos dos homens, sendo às vezes benevolentes e também agindo por inveja ou vingança. Entre as obrigações a eles devidas, como oferendas, preces e sacrifícios, destacam-se as peregrinações aos grandes santuários, tais como Delfos, onde se consultava o oráculo, como vimos no capítulo anterior.

a) Homero

Os mitos gregos surgiram quando ainda não havia escrita e eram transmitidos por poetas ambulantes chamados *aedos* e *rapsodos*, que os recitavam de cor em praça pública. Nem sempre é possível identificar a autoria desses poemas, por serem produção coletiva e anônima.

++ PARA SABER MAIS

Você sabe como identificar datas tão remotas? Vamos dar um exemplo: o ano de 3500 a.C. pertence a que milênio? Para saber, dividimos 3.500 por 1.000. O resultado é 3 (despreza-se a fração). Acrescentamos 1 e temos 4, ou seja, o ano de 3500 pertence ao 4º milênio. Para saber a que século corresponde este ano, dividimos 3.500 por 100 e acrescentamos 1. Temos 36, portanto, século XXXVI a.C.

Teocracia. Do grego *theo*, “deus”, e *kratia*, “poder”. Poder político que se funda no poder religioso.

Aqueu. Oriundo da Acaia, região do norte da Península do Peloponeso.

⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 31.

Atribuem-se a Homero, um desses poetas, dois poemas épicos, as epopeias *Iliada* e *Odisseia*. Existem, no entanto, controvérsias a respeito da época em que Homero teria vivido — século IX ou VIII a.C.? — e até se ele realmente existiu. Segundo alguns intérpretes, as epopeias representam fatos e mitos recolhidos por diversos autores, o que se verifica pela diversidade de estilos dos dois poemas e pelas passagens indicativas de períodos históricos diferentes.

++ PARA SABER MAIS

A *Iliada* trata da guerra de Troia (que em grego é *Ilion*) e a *Odisseia*, do retorno a Ítaca, terra natal de Ulisses (Odisseus é o nome grego de Ulisses). Essa viagem foi cheia de peripécias, por isso costumamos chamar de odisseia uma aventura mirabolante.

Na vida dos gregos, as epopeias desempenharam um papel pedagógico significativo. Descreviam a história grega — o período da civilização micênica — e transmitiam os valores culturais mediante o relato das realizações dos deuses e dos antepassados. Por expressarem uma concepção de vida, desde cedo as crianças decoravam passagens desses poemas.

As ações heroicas relatadas nas epopeias mostram a constante intervenção dos deuses, ora para

auxiliar o protegido, ora para perseguir o inimigo. O indivíduo é presa do Destino, que é fixo, imutável.

Assim diz o troiano Heitor:

Nenhum homem me fará descer à casa de Hades contrariando o meu destino. Nenhum homem, afirmo, jamais escapou de seu destino, seja covarde ou bravo, depois de haver nascido.⁵

O herói vivia, portanto, na dependência dos deuses e do destino, faltando a ele a noção de vontade pessoal, de liberdade. Mas isso não o diminuía diante das pessoas comuns, ao contrário, ter sido escolhido pelos deuses era sinal de valor e em nada essa ajuda desmerecia a virtude do *guerreiro belo e bom*, que se manifestava pela coragem e pela força, sobretudo no campo de batalha.

E ETIMOLOGIA

Virtude. Vem do latim *vir, virtus*; primitivamente, *vir* significa o homem viril, forte, corajoso.

Hades. É o nome do Deus do Mundo Subterrâneo, que entre os romanos chamava-se Plutão. Também designa o Mundo dos Mortos.



Hércules e a Hydra. Antonio di Jacopo Pollaiuolo, 1475.

Hércules é o nome romano do semideus grego Héracles, filho de Zeus e de uma mortal. Conhecido por sua força física, enfrentou inúmeros desafios, principalmente devido à cólera e vingança da deusa Hera, esposa de Zeus, enciumada pela traição do marido. Na imagem Hércules se cobre com a cabeça e a pele do Leão de Némea, um monstro que matou no primeiro de seus doze trabalhos. Na tela do pintor italiano renascentista, o herói enfrenta a Hidra de Lerna, espécie de serpente de várias cabeças que voltavam a crescer depois de cortadas. Segundo intérpretes, a hidra seria o pântano de Lerna — que Hércules conseguira secar — e as cabeças, as nascentes-d'água que até então não paravam de jorrar. Outros comparam a hidra ao delta dos rios, com suas enchentes. Não por acaso, a palavra *hidra* vem do grego e significa "água". Há nesse relato várias referências ao que vimos até aqui sobre os mitos. Procure identificá-las. Além disso, faça uma interpretação atual do mito, destacando algum acontecimento ou sentimento que poderia ser simbolizado pelo mito da Hidra de Lerna.

⁵ HOMERO. *Iliada* (em forma de prosa). 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 72.

Diferentemente do que hoje entendemos por virtude, para os gregos esse valor correspondia à excelência e à superioridade, objetivo supremo do herói guerreiro. Essa virtude se destacava igualmente na assembleia dos guerreiros, pelo poder de persuasão do discurso.

PARA REFLETIR

O conceito de *virtude* variou entre os filósofos, mas em geral designa uma disposição ética para realizar o bem, o que supõe autonomia e não mais imposição do destino. Você saberia indicar algumas virtudes desejáveis para o convívio humano?

b) Hesíodo

Hesíodo, outro poeta que teria vivido por volta do final do século VIII e princípios do VII a.C., produziu uma obra com particularidades que tendem a superar a poesia impessoal e coletiva das epopeias. Essas características novas são indicativas do período arcaico, que então se iniciava.

Mesmo assim, suas obras ainda refletem o interesse pela crença nos mitos. Em *Teogonia*, Hesíodo relata as origens do mundo e dos deuses, em que as forças emergentes da natureza vão se transformando nas próprias divindades. Por isso a teogonia é também uma *cosmogonia*, na medida em que narra como todas as coisas surgiram do *Caos* para compor a ordem do Cosmo.

ETIMOLOGIA

Teogonia. Do grego *théos*, “deus”, e *gonos*, “origem”.
Cosmogonia. Do grego *kósmos*, “mundo”, “ordem”, “beleza”.
Caos. Para os gregos, o vazio inicial.

Por exemplo, do Caos surgiu Gaia, ou Geia (a Terra, elemento primordial), que, sozinha, deu origem a Urano (o Céu). Em seguida, uniu-se a Urano, gerando os deuses e as divindades femininas. Um de seus filhos é Cronos (Tempo), que toma o poder do pai e é destronado pelo filho Zeus.

Os deuses gregos permaneceram por muito tempo na cultura ocidental da Antiguidade e foram assimilados pelos romanos, com outros nomes. Por exemplo, Cronos é Saturno, Zeus é Júpiter, Atena é Minerva, Afrodite é Vênus e assim por diante.

6 O mito hoje

Perguntamos então: e hoje, o desenvolvimento do pensamento reflexivo teria decretado a morte da consciência mítica?

Augusto Comte, fundador do positivismo, responde afirmativamente: ao explicar a evolução da humanidade, define a maturidade do espírito humano pela superação de todas as formas míticas e religiosas. Dessa maneira, opõe radicalmente mito e razão, ao mesmo tempo que inferioriza o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade.

PARA SABER MAIS

Positivismo

Consulte o **Vocabulário**, no final do livro, e o capítulo 15, “A crítica da metafísica”.

No entanto, ao criticar o mito e exaltar a ciência, contraditoriamente o positivismo fez nascer o *mito do cientificismo*, ou seja, a crença cega na ciência como única forma de saber possível. Desse modo, o positivismo mostra-se reducionista, já que, bem sabemos, a ciência não é a única interpretação válida do real.

De fato, existem outros modos de compreensão, como o senso comum, a filosofia, a arte, a religião, e nenhuma delas exclui o fato de o mito estar na raiz da inteligibilidade. A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, como também na vida diária, quando proferimos certas palavras ricas de ressonâncias míticas — casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte — cuja definição objetiva não esgota os significados que ultrapassam os limites da própria subjetividade. Essas palavras nos remetem a valores *arquetípicos*, modelos universais que existem na natureza inconsciente e primitiva de todos nós.

ETIMOLOGIA

Arquetipo. *Arché*, em grego, significa “princípio”, “origem”.

► A permanência do mito

O mito ainda é uma expressão fundamental do viver humano, o ponto de partida para a compreensão do ser. Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão.

Começemos pelas histórias em quadrinhos de super-heróis. Elas se fundam no *maniqueísmo*, que exprime o arquétipo da luta entre o bem e o mal, polarizando heróis de um lado e bandidos de outro; além disso, a dupla personalidade do personagem

principal (pessoa comum e super-herói) atinge em cheio os anseios de cada um de superar a própria inexpressividade e impotência, tornando-se excepcional e poderosa.



Coringa, o inimigo de Batman, segundo seu criador, Bob Kane, em 1940. Nas histórias em quadrinhos destaca-se o confronto mítico entre o bem e o mal.

Os contos de fada retomam os mitos universais da luta contra as forças do mal: a madrasta, o lobo, a bruxa contrapõem-se a figuras frágeis como Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria: quando o bem vence o mal, são apaziguados os temores infantis.

Personalidades como artistas, políticos e esportistas, que a mídia se incumbe de transformar em figuras exemplares, exaltam a imaginação humana ao representarem todo tipo de anseios, como sucesso, poder, liderança, atração sexual. Inúmeros são os exemplos dessas figuras que, por motivos diversos, são consideradas excepcionais — Madonna, Che Guevara, Ayrton Senna — e que às vezes tornam-se fugazes, devido à rapidez da mídia em promovê-las e esquecê-las.

No campo da política, até as mais racionais adesões a partidos políticos e correntes de pensamento supõem esse pano de fundo mítico no qual nos movemos em direção a valores que só posteriormente podem ser explicitados pela razão.

O prevalecimento do maniqueísmo, em certas circunstâncias, traz o risco de preconceitos — eis o lado sombrio de alguns mitos —, devido à tendência em separar de modo simplista as pessoas, grupos ou nacionalidades, como antepostas. Por exemplo, o nazismo de Hitler difundiu-se a partir da ideia da raça ariana como raça pura e desencadeou movimentos de perseguição que culminaram no genocídio de judeus, ciganos e homossexuais. Recentemente, diante dos ataques de grupos terroristas da Al Qaeda aos Estados Unidos, ainda há quem generalize a avaliação atribuindo o mal a todo povo árabe.

PARA REFLETIR

Os arianos são um subgrupo indo-europeu que veio das estepes da Ásia e se expandiu pela Europa. Segundo a concepção racista do nazismo, deles descendiam os alemães, que constituíam uma “raça pura”. Você já notou como as doutrinas racistas consideram inferiores pessoas ou grupos que são apenas diferentes?

O nosso comportamento também é permeado de rituais, mesmo que secularizados, isto é, não religiosos: as comemorações de nascimentos, casamentos e aniversários, a entrada do ano-novo, as festas de formatura e de debutantes, os trotes de calouros nos fazem lembrar ritos de passagem. Examinando as manifestações coletivas no cotidiano da vida urbana do brasileiro, descobrimos componentes míticos no carnaval e no futebol, ambos como manifestações do imaginário nacional e da expansão de forças inconscientes.

7 Para finalizar...

O mito não se reduz a simples lendas, mas faz parte da vida humana desde seus primórdios e ainda persiste no nosso cotidiano como uma das experiências possíveis do existir humano, expressas por meio das crenças, dos temores e desejos que nos mobilizam. No entanto, hoje os mitos não emergem com a mesma força com que se impuseram nas sociedades tribais, porque o exercício da crítica racional nos permite legitimá-los ou rejeitá-los quando nos desumanizam.

Maniqueísmo. Atitude de quem estabelece uma oposição simplista entre algo (ou alguém) que representa o bem e outro que representa o mal.

Leitura complementar

Leia os dois textos e responda às questões na sequência.

1. A tortura, a memória

“[...] Na exata medida em que a iniciação é, inevitavelmente, uma comprovação da coragem pessoal, esta se exprime – se é que podemos dizê-lo – no silêncio oposto ao sofrimento. Entretanto, depois da iniciação, já *esquecido* todo o sofrimento, ainda subsiste algo, um saldo irrevogável, os sulcos deixados no corpo pela operação executada com a faca ou a pedra, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: no ritual iniciatório, *a sociedade imprime a sua marca no corpo* dos jovens. Ora, uma cicatriz, um sulco, uma marca são indelévels. Inscritos na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor pode não ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e de terror. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – *o corpo é uma memória*.”

Pois o problema é não perder a memória do segredo confiado pela tribo, a memória desse saber de que doravante são depositários os jovens iniciados. Que sabem agora o jovem caçador guaiáqui, o jovem guerreiro mandan? A marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo: 'És um dos nossos e não te esquecerás disso.' [...]

Avaliar a resistência pessoal, proclamar um pertencimento social: tais são as duas funções evidentes da iniciação como inscrição de marcas sobre o corpo.”

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 128-129.

Indelével. Que não desaparece.

Questões

- 1 Identifique o que os dois textos (de Clastres e de Adorno) têm de semelhante.
- 2 Entre os ritos contemporâneos, o trote violento de calouros poderia ser uma expressão degenerada do rito de iniciação primitivo? Explique qual é a posição de Adorno. Posicione-se a respeito.

2. Os trotes de calouro

Neste trecho, Adorno trata do horror que foram os campos de extermínio (como o de Auschwitz, cidade da Polônia) no tempo de Hitler. Ao analisar a violência, o sadismo que permeia de modo ambíguo comportamentos aparentemente “normais”, reflete sobre “o perigo de que tudo aconteça de novo”.

“[...] aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os [líderes nazistas] Himmler, Höss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem no começo a todos os indivíduos que se filiam a eles. Basta pensar nas primeiras experiências de cada um na escola. É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física – muitas vezes insuportável – a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivaram tais barbaridades com o nome de “costumes”. Eis aqui um campo muito atual para a ciência. Ela poderia inverter decididamente essa tendência da etnologia encampada com entusiasmo pelos nazistas, para refrear esta sobrevida simultaneamente brutal e fantasmagórica desses divertimentos populares.”

ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. Em: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 127-128.

- 3 O que Clastres quer dizer quando afirma que “um homem iniciado é um homem marcado” e “o corpo é uma memória”?
- 4 Hoje em dia há jovens que se tatuam. O que pode significar essa necessidade de uma “marca” indelével no próprio corpo?

Atividades

Reverendo o capítulo

- 1** É comum associarmos os mitos às lendas, destacando o aspecto inverossímil desses relatos. Como se pode criticar esse modo de compreender o mito?
- 2** O mistério do mito é abordado por teóricos que o explicam de maneira diversa. Escolha uma das tendências (funcionalismo, psicanálise, estruturalismo) e explique como o mito é por ela compreendido.
- 3** Embora o mito ainda fosse um componente importante nas mais antigas civilizações (Mesopotâmia, Egito, Grécia), em que se distingue do papel que ele exercia anteriormente nas sociedades tribais?
- 4** É possível ainda se falar em mitos contemporâneos? Justifique sua resposta.

Aplicando os conceitos

- 5** Leia as citações a seguir e interprete-as tendo em vista a concepção de ser humano transmitida pelas epopeias.
 - a)** “Eu sou uma divindade que te guarda sem cessar, em todos os trabalhos” (a deusa Atena a Ulisses).
 - b)** “Não sou eu o culpado, mas Zeus, o Destino e a Erínia, que caminha na sombra” (Agamêmnon, rei de Micenas, depois de um desvario momentâneo, durante a guerra de Troia).
- 6** Observe a imagem, leia o texto e responda.



Orestes perseguido pelas Erínias. William Bouguereau, 1862.

A história de Orestes, filho de Agamêmnon e Clitemnestra, é relatada nos poemas homéricos e na tragédia de Ésquilo *Oresteia*, uma trilogia. Ao voltar da guerra de Troia, Agamêmnon é assassinado pela sua mulher e por Egisto. Quando adulto, Orestes retorna à cidade de Argos e, com a autorização do deus Apolo, vinga-se matando a mãe e seu amante. O matricídio provocou a ira das Erínias, deusas que personificam a vingança: elas punem os homicidas com remorsos de modo implacável, com torturas que podem levar à loucura.

Discuta com seu colega.

- a)** Esse mito pode simbolizar comportamentos que ainda hoje atormentam as pessoas? Na leitura complementar do capítulo 1, “A experiência filosófica”, Calligaris comenta o assassinato de uma menina em que o pai e a madrasta são os principais suspeitos. A reação popular seria algo semelhante à ação das Erínias?
- b)** Dê outros exemplos.

Dissertação

- 7** Com base nesta citação, faça uma dissertação sobre o tema: “Os bons e maus mitos do nosso tempo”.

[...] o mito propõe todos os valores, puros e impuros. Não é da sua atribuição autorizar tudo o que sugere. Nossa época conheceu o horror do desencadeamento dos mitos do poder e da raça, quando seu fascínio se exercia sem controle. A sabedoria é um equilíbrio. O mito propõe, mas cabe à consciência dispor. E foi talvez porque um racionalismo estreito demais fazia profissão de desprezar os mitos, que estes, deixados sem controle, tornaram-se loucos.” (Georges Gusdorf. *Mito e metafísica*. São Paulo: Convívio, 1979. p. 308.)

Debate

- 8** Em grupo, pesquisem sobre os mitos subjacentes nas produções culturais (telenovelas, propagandas, filmes, histórias em quadrinhos, programas humorísticos etc.). Elaborem um relatório para ser apresentado à classe. Em seguida haverá um debate sobre os temas expostos.

Erínias. Deusas da vingança, também chamadas Fúrias.

O nascimento da filosofia



ALESSANDRO PASSOS

Fonte: ABRÃO, Bernadete Siqueira [et al.]. *Enciclopédia do Estudante*. História da filosofia: da Antiguidade aos pensadores do século XXI. v. XII. São Paulo: Moderna, 2008. p. 17.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consulte o mapa dos principais filósofos gregos e identifique aqueles que correspondem ao período pré-socrático. Observe em que região (Jônia ou Magna Grécia) e em que cidade eles se estabeleceram. Em seguida veja como os filósofos do período clássico (Sócrates, Platão) se fixam em Atenas. Embora Aristóteles tenha nascido em Estagira, cidade da Macedônia, foi em Atenas que fundou sua escola. Localize também os filósofos do helenismo, que se deslocam da Grécia continental e se espalham pelas ilhas.

1 Situando no tempo

Neste capítulo veremos o processo pelo qual se deu a passagem da consciência mítica para a consciência filosófica na civilização grega. Vejamos de início um quadro que abrange desde os períodos míticos até o século II a.C.

PARA SABER MAIS

Periodização da história da Grécia Antiga

Civilização micênica (sécs. XX a XII a.C.). Desenvolveu-se desde o início do segundo milênio a.C. Tem esse nome pela importância da cidade de Micenas, de onde, por volta de 1250 a.C., partiram Agamêmnon, Aquiles e Ulisses para sitiar e conquistar Troia.

Tempos homéricos (sécs. XII a VIII a.C.). Na transição de um mundo essencialmente rural, os senhores enriquecidos formaram a aristocracia proprietária de terras, que fez recrudescer o sistema escravista. Nesse período teria vivido Homero (séc. IX ou VIII a.C.).

Período arcaico (sécs. VIII a VI a.C.). Com a formação das cidades-estados (pólis), ocorreram grandes alterações sociais e políticas, bem como o desenvolvimento

do comércio e a expansão da colonização grega. No início desse período teria vivido Hesíodo. No final do século VII e durante o século VI a.C. surgiram os primeiros filósofos.

Período clássico (sécs. V e IV a.C.). Auge da civilização grega; na política, o apogeu da democracia ateniense; desenvolvimento das artes, literatura e filosofia; época em que viveram os sofistas e os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Período helenístico (sécs. III e II a.C.). Decadência política, domínio macedônico e conquista da Grécia pelos romanos; culturalmente, significativa influência das civilizações orientais; florescimento das filosofias estoica e epicurista.

2 Uma nova ordem humana

Costuma-se dizer que os primeiros filósofos foram gregos e surgiram no período arcaico, nas colônias gregas. Embora reconheçamos a importância de sábios que viveram na mesma época em outros lugares, suas doutrinas ainda estavam mais vinculadas à religião do que propriamente à reflexão filosófica.

PARA SABER MAIS

Os sábios que viveram no Oriente no século VI a.C., a mesma época em que a filosofia surgiu na Grécia, foram: Confúcio e Lao Tsé na China; Gautama Buda na Índia; Zaratustra na Pérsia.

Alguns autores chamaram de “milagre grego” a passagem da mentalidade mítica para o pensamento crítico racional e filosófico, destacando o caráter repentino e único desse processo. Outros estudiosos, no entanto, criticam essa visão simplista e afirmam que a filosofia na Grécia não é fruto de um salto, do “milagre” realizado por um povo privilegiado, mas é a culminação do processo gestado ao longo dos tempos.

Por enquanto, fiquemos com alguns fatos do período arcaico que ajudaram a alterar a visão mítica predominante e contribuíram para o surgimento do filósofo:

- a invenção da escrita e da moeda;
- a lei escrita;
- a fundação da pólis (cidade-Estado).

► A invenção da escrita

A consciência mítica predomina em culturas de tradição oral, quando ainda não há escrita. Mesmo após seu surgimento, a escrita reserva-se

aos privilegiados, aos sacerdotes e aos reis, e geralmente mantém o caráter mágico: entre os antigos egípcios, por exemplo, a palavra *hieróglifo* significa literalmente “sinal divino”.

Na Grécia, já existira uma escrita no período micênico, mas restrita aos escribas que exerciam funções administrativas de interesse da aristocracia palaciana. Com a violenta invasão dórica, no século XII a.C., a escrita desapareceu junto com a civilização micênica, para ressurgir apenas no final do século IX ou VIII a.C., por influência dos fenícios.

Em seu ressurgimento, a escrita assumiu função diferente. Suficientemente desligada da influência religiosa, passou a ser utilizada para formas mais democráticas de exercício do poder.

Enquanto os rituais religiosos eram cheios de fórmulas mágicas, termos fixos e inquestionados, os escritos passaram a ser divulgados em praça pública, sujeitos à discussão e à crítica. Isso não significa que a escrita se tornasse acessível a todos, muito pelo contrário, já que a maioria da população era constituída de analfabetos. O que está em destaque é a dessacralização da escrita, ou seja, seu desligamento do sagrado.

A escrita gera nova idade mental porque a postura de quem escreve é diferente daquela de quem apenas fala. Como a escrita fixa a palavra para além de quem a proferiu, exige maior rigor e clareza, o que estimula o espírito crítico. Além disso, a retomada posterior do que foi escrito — não só por contemporâneos, mas por outras gerações — abre os horizontes do pensamento e proporciona o distanciamento do vivido e o confronto das ideias.

Portanto, a escrita surge como possibilidade maior de abstração, de uma reflexão aprimorada que tenderá a modificar a própria estrutura do pensamento.

► O surgimento da moeda

Na época da aristocracia rural, de riqueza baseada em terras e rebanhos, a economia era pré-monetária. Os objetos usados para troca vinham carregados de simbologia afetiva e sagrada. As relações sociais, impregnadas de caráter sobrenatural, eram fortemente marcadas pela posição social de pessoas consideradas superiores, devido à origem divina de seus ancestrais.

Entre os séculos VIII e VI a.C., deu-se o desenvolvimento do comércio marítimo, decorrente da expansão do mundo grego, com a colonização da Magna Grécia (atual sul da Itália e Sicília) e da Jônia (hoje litoral da Turquia). O enriquecimento dos comerciantes acelerou a substituição de valores aristocráticos por valores da nova classe em ascensão.

A moeda, inventada na Lídia — região da atual Turquia —, apareceu na Grécia por volta do século VII a.C., vindo facilitar os negócios e impulsionar o comércio. Com o recurso da moeda, os produtos que antes se restringiam ao seu valor de uso passaram a ter valor de troca, isto é, transformaram-se em mercadoria. Emitida e garantida pela pólis, a moeda fazia reverter seus benefícios para a própria comunidade.



Dois lados de uma moeda grega encontrada em Atenas, c. 440 a.C.

THE GRANGER COLLECTION/OTHER IMAGES - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Nessa moeda grega, vemos a deusa Atena e a coruja, símbolo da sabedoria. Por consequência, a coruja passou a representar também a filosofia.

Além desse efeito político de democratização de um valor, a moeda sobrepunha aos símbolos sagrados e afetivos o caráter racional de sua concepção: a moeda representa uma convenção humana, noção abstrata de valor que estabelece a medida comum entre valores diferentes. Nesse sentido, a invenção da moeda desempenha papel revolucionário, por vincular-se ao nascimento do pensamento racional crítico.

► A lei escrita

Antes de tratarmos da transformação da pólis é preciso destacar a importância de legisladores como Drácon (séc. VII a.C.), Sólon e Clístenes (séc. VI a.C.), que sinalizaram uma nova era: a justiça, até então dependente da interpretação da vontade divina ou da arbitrariedade dos reis, tornou-se codificada numa legislação escrita. Regra comum a todos, norma racional, sujeita à discussão e à modificação, a lei escrita passou a encarnar uma dimensão propriamente humana.

As reformas da legislação de Clístenes fundaram a pólis sobre nova base: a antiga organização tribal foi abolida e estabeleceram-se relações que não mais dependiam da consanguinidade, mas eram determinadas por uma organização administrativa. Essas modificações expressam o ideal igualitário que preparava a democracia nascente, já que a unificação do corpo social aboliu a hierarquia fundada no poder aristocrático das famílias, que se assentava na submissão e no domínio.

Segundo Jean-Pierre Vernant, helenista e pensador francês,

os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam por sua origem, sua classe, sua função, aparecem de uma certa maneira ‘semelhantes’ uns aos outros”. Se de início a igualdade existia apenas entre os guerreiros, “essa imagem do mundo humano encontrará no século VI sua expressão rigorosa num conceito, o de **isonomia**: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.¹

A pólis buscava garantir a isonomia, do mesmo modo que a **isegoria**, a igualdade do direito da palavra na assembleia.

E ETIMOLOGIA

Isonomia. Do grego *isos*, “igual”, e *nomos*, “lei” (igualdade de direitos perante a lei no regime democrático).

Isegoria. Do grego *isos*, “igual”, e *agoreuo*, “discursar em público”.

PARA REFLETIR

Poderíamos dizer que ainda hoje a isonomia e a isegoria são princípios extensivos a todos os cidadãos em nosso país?

¹ VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1977. p. 42.

► O cidadão da pólis

Para Vernant, o nascimento da pólis (por volta dos sécs. VIII e VII a.C.) é um acontecimento decisivo que “marca um começo, uma verdadeira invenção”, por ter provocado grandes alterações na vida social e nas relações humanas.

A originalidade da pólis é que ela estava centralizada na ágora (praça pública), espaço onde se debatiam os problemas de interesse comum. Separavam-se na pólis o domínio público e o privado: isso significava que ao ideal de valor de sangue, restrito a grupos privilegiados em função do nascimento ou fortuna, se sobrepunha a justa distribuição dos direitos dos cidadãos como representantes dos interesses da cidade.

Desse modo era elaborado o novo ideal de justiça, pelo qual todo cidadão tinha direito ao poder. A noção de justiça assumia caráter político, e não apenas moral, ou seja, não dizia respeito apenas ao indivíduo e aos interesses da tradição familiar, mas à sua atuação na comunidade.

A pólis se fez pela autonomia da palavra, não mais a palavra mágica dos mitos, palavra dada pelos deuses e, portanto, comum a todos, mas a palavra humana do conflito, da discussão, da argumentação. Expressar-se por meio do debate fez nascer a *política*, que permite ao indivíduo tecer seu destino na praça pública. Da instauração da

ordem humana surgiu o *cidadão da pólis*, figura inexistente no mundo da comunidade tribal e das aristocracias rurais.

► A consolidação da democracia

Embora os regimes oligárquicos não tenham sido extirpados, em muitas pólis consolidaram-se os ideais democráticos. Entre elas, Atenas é um modelo clássico. O apogeu da democracia ateniense ocorreu no século V a.C., quando Péricles governava.

Os cidadãos livres, ricos ou pobres, tinham acesso à *assembleia*. Tratava-se da *democracia direta*, em que não eram escolhidos representantes, mas cada cidadão participava ele mesmo das decisões de interesse comum.

No entanto, quando falamos em democracia ateniense, é bom lembrar que a maior parte da população se achava excluída do processo político, tais como os escravos e os estrangeiros (metecos), mesmo que estes fossem prósperos comerciantes.

Aliás, quanto mais se desenvolvia a ideia de cidadania, com a consolidação da democracia, a escravidão representava ainda mais um contraponto indispensável, já que ao escravo eram reservadas as tarefas dos trabalhos manuais e das atividades diárias de sobrevivência.

É difícil fazer o cálculo demográfico de Atenas, mas no decorrer do século V a.C. a população variou entre meio milhão a 250 mil habitantes, dos quais a maioria era constituída por escravos. Excluídos os estrangeiros, as mulheres e as crianças, restavam apenas entre 10 a 14% de cidadãos propriamente ditos capacitados para participar das discussões na ágora e decidir por todos.

Apesar disso, o que vale enfatizar é a mutação do ideal político e uma concepção inovadora de poder, a democracia. O hábito da discussão pública, na ágora, estimulava o pensamento racional, argumentativo, mais distanciado das tradições míticas.

3 Os primeiros filósofos

A grande aventura intelectual dos gregos não começou propriamente na Grécia continental, mas nas colônias da Jônia e da Magna Grécia, onde florescia o comércio. Os primeiros filósofos viveram por volta dos séculos VII e VI a.C. e, mais tarde, foram classificados como pré-socráticos, quando a divisão da filosofia grega centralizou-se na figura de Sócrates.

Assembleia. Em grego se diz *agorá*, local de reunião para decidir assuntos comuns. Designa também a praça principal das pólis, local onde se instalava o mercado.



O século de Péricles. Philipp von Foltz, 1853.

Na ágora ateniense, logo abaixo da acrópole, o povo se reúne para a assembleia em que os oradores discutem os destinos da cidade.

Os escritos dos filósofos pré-socráticos desapareceram com o tempo, e só nos restam alguns fragmentos ou referências de filósofos posteriores. Sabemos que geralmente escreviam em prosa, abandonando a forma poética característica das epopeias, dos relatos míticos.

++ PARA SABER MAIS

Períodos da filosofia grega

Pré-socrático (séc. VII e VI a.C.). Os primeiros filósofos ocupavam-se com questões cosmológicas, iniciando a separação entre a filosofia e o pensamento mítico.

Socrático ou clássico (séc. V e IV a.C.). Ênfase nas questões antropológicas e maior sistematização do pensamento. Desse período fazem parte os sofistas, o próprio Sócrates, seu discípulo Platão e Aristóteles, discípulo de Platão.

Pós-socrático (séc. III e II a.C.). Durante o helenismo, preponderou o interesse pela física e pela ética. Surgiram as correntes filosóficas do estoicismo (Zenão de Cítio), do hedonismo (Epicuro) e do ceticismo (Pirro de Élida).

++ PARA SABER MAIS

Entre os primeiros filósofos, Pitágoras foi o que pela primeira vez usou a palavra filosofia e ainda hoje é estudado em cursos de geometria. Você conhece o teorema sobre a hipotenusa e os catetos do triângulo retângulo?

► O princípio de todas as coisas

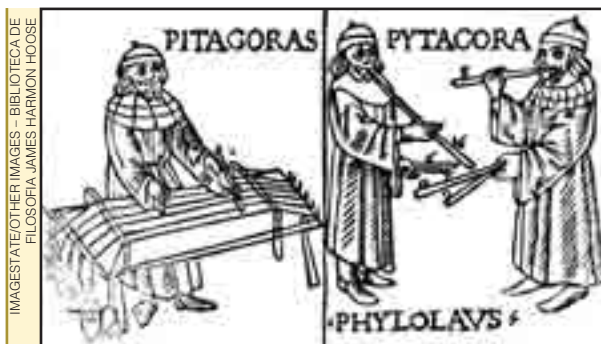
Os primeiros pensadores centraram a atenção na natureza e elaboraram diversas concepções de cosmologia. Note que dizemos cosmologia, conceito que se contrapõe à cosmogonia de Hesíodo. Enquanto no período mítico a cosmogonia relata o princípio como origem no tempo (o nascimento dos deuses), as cosmologias dos pré-socráticos procuram a racionalidade constitutiva do Universo.

Todos eles procuram explicar como, diante da mudança (do devir), podemos encontrar a estabilidade; como, diante do múltiplo, descobrimos o uno. Ao perguntarem como seria possível emergir o cosmo do caos — ou seja, como da confusão inicial surge o mundo ordenado —, os pré-socráticos buscam o princípio (em grego, a *arkhé*) de todas as coisas, entendido não como aquilo que antecede no tempo, mas como *fundamento do ser*. Buscar a *arkhé* é explicar qual é o *elemento constitutivo* de todas as coisas.

As respostas dos filósofos à questão do fundamento das coisas, da unidade que pode explicar a

multiplicidade, são as mais variadas. Vejamos algumas delas:

- Para Tales de Mileto (640-c.548 a.C.), astrônomo, matemático e primeiro filósofo, a *arkhé* é a água;
- De acordo com Pitágoras (séc. VI a.C.), filósofo e matemático, o número é a essência de tudo; todo o cosmo é harmonia, porque é ordenado pelos números.



Monocórdio de Pitágoras em ilustração, 560-480 d.C.

O monocórdio — como o nome diz — é um instrumento de uma corda só. Nele, Pitágoras fez experiências para mostrar que a música se expressa em linguagem matemática. Ao calcular os intervalos entre os diferentes pontos pressionados na corda, descobriu a relação entre as notas musicais e as proporções no seu comprimento. Faça uma pesquisa para explicar com mais detalhes quais foram as proporções estabelecidas por Pitágoras no seu experimento. Se necessário, consulte alguém que conheça teoria musical, matemática ou ainda física.

- Para Anaximandro (610-547 a.C.), o fundamento dos seres é uma matéria indeterminada, ilimitada (*ápeiron*, em grego), que daria origem a todos os seres materiais.
- Para Anaxímenes (588-524 a.C.), é o ar, que pela rarefação e condensação faz nascer e transformar todas as coisas.
- Parmênides de Eleia (c.544-450 a.C.) e Heráclito de Éfeso (sécs. VI-V a.C.) desenvolveram teorias que entraram em conflito e instigaram os filósofos do período clássico (como veremos no capítulo 13, “A busca da verdade”). Enquanto para Parmênides o ser real é imóvel, imutável e



Homem na balança dos quatro elementos. Autor desconhecido, 1532.

A teoria dos quatro elementos — terra, água, ar e fogo — faz parte da tradição de vários povos antigos. A que foi elaborada por Empédocles tornou-se a mais conhecida e aceita na cultura ocidental até o século XVIII, quando o cientista Lavoisier contestou sua validade.

o movimento é uma ilusão, para Heráclito tudo flui e tudo o que é fixo é ilusão: “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”.

- Anaxágoras (499-428 a.C.), nascido em Clazômena, mudou-se para Atenas, onde foi mestre de Péricles. Sustentava que as “sementes” de todas as coisas foram ordenadas por um princípio inteligente, uma Inteligência cósmica (*Nous*, em grego).
- Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, constituem a teoria de Empédocles (483-430 a.C.).
- Os filósofos Leucipo (séc. V a.C.) e Demócrito (c.460-c.370 a.C.) são atomistas, por considerarem o elemento primordial constituído por átomos, partículas indivisíveis. Como para eles também a alma era formada por átomos, estamos diante de uma concepção materialista e determinista.

4 Mito e filosofia: continuidade e ruptura

Já podemos observar a diferença entre o pensamento mítico e a filosofia nascente: a cosmologia racional distingue-se da cosmogonia mítica de Hesíodo.

Para estudiosos como o inglês Francis McDonald Cornford, no entanto, apesar das diferenças o pensamento filosófico nascente ainda apresentava vinculações com o mito. Examinando os textos dos

filósofos jônicos, Cornford descobriu neles a mesma estrutura de pensamento existente no relato mítico: os jônios afirmavam que, de um estado inicial de indistinção, *separam-se* pares opostos (quente e frio, seco e úmido), que vão gerar os seres naturais (o céu de fogo, o ar frio, a terra seca, o mar úmido). Para eles, a ordem do mundo deriva de forças opostas que se equilibram reciprocamente, e a *união* dos opostos explica os fenômenos meteóricos, as estações do ano, o nascimento e a morte de tudo o que vive. Ora, para Cornford, essa explicação racional se assemelha aos relatos de Hesíodo na *Teogonia*, segundo os quais Gaia gera sozinha, por *segregação*, o Céu e o Mar; depois, da *união* de Gaia com Urano resulta a geração dos deuses.

Embora em parte concorde com o fato de que a filosofia deriva do mito, em *Mito e pensamento entre os gregos* Vernant contrapõe-se a Cornford ao destacar o novo, “aquilo que faz precisamente com que a filosofia deixe de ser mito para se tornar filosofia”.

Nesse sentido, existe uma ruptura entre mito e filosofia. Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. No mito a inteligibilidade é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos; organiza-se em doutrina e surge, portanto, como *pensamento abstrato*.

Leitura complementar

Leia o texto de Nietzsche sobre Tales de Mileto e responda às questões.

Tales, o primeiro filósofo

“A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a *água* é a origem e a matriz de *todas* as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: ‘Tudo é um’. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego. Se tivesse dito: ‘Da água provém a terra’, teríamos apenas uma hipótese científica, falsa, mas dificilmente refutável. Mas ele foi além do científico. Ao expor essa representação da unidade através da hipótese da água, Tales não superou o estágio inferior das noções físicas da época, mas, no máximo, saltou sobre ele. As parcas e desordenadas observações de natureza empírica que Tales havia feito sobre a presença e as transformações da água ou, mais exatamente, do úmido, seriam o que menos permitiria ou mesmo aconselharia tão monstruosa generalização; o que o impeliu a esta foi um postulado metafísico, uma crença que tem sua origem em uma intuição mística e que encontramos em todos os filósofos, ao lado dos esforços sempre renovados para exprimi-la melhor – a proposição: ‘Tudo é um’.

[...] Quando Tales diz: ‘Tudo é água’, o homem [...] presente a solução última das coisas e vence, com esse pressentimento, o acanhamento dos graus inferiores do conhecimento.”

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na época trágica dos gregos*, § 3. Em: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 16. (Coleção Os Pensadores).

QUEM É?

Tales de Mileto (640–c.548 a.C.), de origem fenícia, viveu em Mileto, na Jônia. É considerado o primeiro filósofo e um dos Sete Sábios da Grécia. Foi também matemático: enquanto os egípcios conheciam uma geometria prática, Tales transformou esse saber empírico em conhecimento científico. É atribuído a ele o teorema de Tales (dois triângulos são iguais quando possuem um lado igual compreendido entre dois ângulos iguais), e teria calculado a altura de uma pirâmide comparando a sombra dela com sua própria sombra. Como astrônomo, teria previsto um eclipse solar. Talvez por ter viajado muito e conhecido as cheias do Nilo, intuiu que a água deveria ser o princípio de tudo, por estar ligada à vida, à germinação, mas também à corrupção e à putrefação. Por considerar a água um “deus inteligente”, conclui que “todas as coisas estão cheias de deuses”. Como não restou nada do que escreveu — se é que escreveu —, nem todos os relatos a seu respeito são confiáveis.



Tales de Mileto, imagem do século XIX.

HULTON ARCHIVE/STRINGER-GETTY IMAGES - MUSEU DA CIÊNCIA, LONDRES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Metafísica. Termo que adquiriu contornos diferentes no transcurso da história da filosofia. Na tradição aristotélica é estudo do “ser enquanto ser” (do ser absoluto e dos primeiros princípios). A metafísica procura analisar conceitos básicos como Deus, alma, mundo. Atualmente, trata-se do campo da filosofia que investiga questões que estão por trás ou além daquelas que são objeto das ciências, como identidade, verdade, existência, conhecimento, significado, causalidade, necessidade, liberdade.

Questões

- 1 Identifique no trecho selecionado as três razões destacadas por Nietzsche segundo as quais podemos levar a sério a reflexão de Tales de Mileto sobre a água como princípio de tudo.
- 2 Em que sentido a reflexão de Tales é filosófica e, portanto, se distingue do mito e da ciência?

Atividades

Reverendo o capítulo

- 1 A passagem da mentalidade mítica para o pensamento filosófico é justificada por alguns teóricos com a tese do “milagre grego”, posição descartada por outros. Em que consiste essa tese e que explicações lhe podem ser contrapostas?
- 2 Qual é a importância da ágora para o desenvolvimento da democracia na Grécia Antiga?
- 3 O que significa dizer que a democracia grega era uma democracia direta? Sob esse aspecto, em que se distingue das atuais democracias?
- 4 Identifique as características comuns à reflexão dos filósofos pré-socráticos.

Aplicando os conceitos

- 5 “Em todas as literaturas, a prosa é posterior ao verso, como a reflexão o é à imaginação. A literatura grega não faz exceção à regra, antes a acentua, pois o desnível cronológico entre ambas deve importar uns três séculos.” (Maria Helena Rocha Pereira. *Estudos de história da cultura clássica*. v. 1. Cultura grega. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 199.)
 - a) A que obras em verso se refere o texto? E a que obras em prosa?
 - b) Quando prevalecem o verso e a prosa na cultura grega?
 - c) O que o texto quer dizer com a oposição entre imaginação e reflexão?
- 6 Na Grécia Antiga, o surgimento da escrita propiciou o nascimento da filosofia. E hoje, os altos índices de analfabetismo constituiriam um obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica de seus cidadãos?
- 7 Tomando por base o significado da ágora na pólis democrática, quais seriam as “ágoras” nas democracias contemporâneas?
- 8 Neste fragmento de um texto de Empédocles, há elementos que denotam ruptura em relação ao pensamento mítico. Identifique-os.

“Esta [luta das duas forças] é manifesta na massa dos membros humanos: às vezes, unem-se pelo amor todos os membros que atingiram a corporeidade, na culminância da vida florescente; outras, divididos pela cruel força da discórdia,

erram separados nas margens da vida. Assim também com as árvores e peixes das águas, com os animais selvagens das montanhas e os pássaros mergulhões levados por suas asas.” (G. Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 70.)

Dissertação

- 9 Faça uma dissertação sobre o tema “A filosofia é filha da cidade”. Nela você deve descrever e justificar a vinculação entre a fundação da pólis e o nascimento da filosofia.

Caiu no vestibular

- 10 (UEL-PR) “Há, porém, algo de fundamentalmente novo na maneira como os gregos puseram a serviço do seu problema último – da origem e essência das coisas – as observações empíricas que receberam do Oriente e enriqueceram com as suas próprias, bem como no modo de submeter ao pensamento teórico e causal o reino dos mitos, fundado na observação das realidades aparentes do mundo sensível: os mitos sobre o nascimento do mundo.” (W. Jaeger. *Paideia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 197.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a relação entre mito e filosofia na Grécia, é correto afirmar.

- a) Em que pese ser considerada como criação dos gregos, a filosofia se origina no Oriente sob o influxo da religião e apenas posteriormente chega à Grécia.
 - b) A filosofia representa uma ruptura radical em relação aos mitos, uma nova forma de pensamento plenamente racional desde suas origens.
 - c) Apesar de ser pensamento racional, a filosofia se desvincula dos mitos de forma gradual.
 - d) Filosofia e mito sempre mantiveram uma relação de interdependência, uma vez que o pensamento filosófico necessita do mito para se expressar.
 - e) O mito já era filosofia, uma vez que buscava respostas para problemas que até hoje são objeto da pesquisa filosófica.
- 11 Justifique com argumentos a escolha da alternativa assinalada.